

NOVOS OLHARES SOBRE A OCUPAÇÃO ROMANA NO MUNICÍPIO DE MAFRA

MARTA MIRANDA*

CARLOS PEREIRA**

CARLOS COSTA***

ANA CATARINA SOUSA****

RESUMO

O presente artigo apresenta uma leitura de síntese atualizada sobre os vestígios de período romano identificados no concelho de Mafra, integrando-se nas ações de investigação e divulgação do projeto *Lisboa Romana*. O concelho de Mafra integrava-se na zona Oeste do *municipium* Olisiponense, estando documentada a existência de *villae*, casais rurais, necrópoles, monumentos epigráficos e abundantes achados avulsos que não permitem uma classificação segura. Remonta ao século XV a mais antiga referência a um monumento epigráfico romano, existindo um longo historial de recolhas até à atualidade. Contudo, são escassas as escavações, resultando quase exclusivamente de operações de arqueologia preventiva, limitando a análise interpretativa. Apresenta-se em anexo o *corpus* epigráfico romano (19 epígrafes, 3 inéditas), o *corpus* dos sítios arqueológicos do período romano (56 sítios, 35 inéditos) e uma tabela com 35 informações não confirmadas arqueologicamente, que constitui o estado do conhecimento em 2021. Trata-se de um inventário datado e necessariamente incompleto, porquanto se sucedem os achados fortuitos ou integrados em trabalhos arqueológicos.

PALAVRAS-CHAVE

povoamento – romano – Mafra – Olisipo – Carta Arqueológica

NEW INSIGHT AT THE ROMAN OCCUPATION IN THE MUNICIPALITY OF MAFRA

ABSTRACT

This article presents an updated synthesis analysis on the vestiges of the Roman period identified in the municipality of Mafra, integrating itself in the research and dissemination actions of the *Lisboa Romana* project. The municipality of Mafra was part of the western zone of the *municipium* *Olisiponense*, with *villae*, rural settlements, necropolises, epigraphic monuments and abundant scattered remains that do not allow a safe classification. The oldest reference to a Roman epigraphic monument dates back to the 15th century, with a long history of collections. However, excavations are scarce, resulting almost exclusively from preventive archeology operations, limiting interpretative analysis. Attached is the *corpus* of the epigraphic monuments (19 monuments, 3 unpublished) and the *corpus* of archaeological sites from the Roman period (56 sites, 35 unpublished) and a table with 35 archaeologically unconfirmed information, which constitutes the state of knowledge in 2021. It is a dated and necessarily incomplete inventory, as they are successive fortuitous or integrated findings in archaeological works.

KEYWORDS

settlement – Roman – Mafra – Olisipo – Archaeological inventory

* CMM – Área de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra. Arqueóloga da Câmara Municipal de Mafra. Licenciada em História, variante Arqueologia pela Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Investigadora na área de Antropologia Funerária, Arqueozootologia e Arqueopedagogia. Autora de diversos títulos científicos nacionais e internacionais (livros, capítulos de livros e revistas especializadas) e diretora de várias escavações arqueológicas. Responsável dos Serviços Educativos de Arqueologia: com trabalhos nas áreas da formação, ateliers familiares, atividades escolares e públicos com necessidades educativas especiais.
Email: arqueopedagogia@cm-mafra.pt

** UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Bolseiro de pós-doutoramento pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia). Investigador do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Obteve o grau de mestre em 2008, com o estudo dedicado às lucernas romanas de *Scallabis*. Em 2014 concluiu o doutoramento, dedicado à Arqueologia da Morte em época romana, estudos que se centrou nos contextos do Algarve. Tendo colaborado em vários projetos nacionais de investigação científica, destacando-se a participação nos trabalhos de Monte Molião, dirigidos por Ana Margarida Arruda, colabora ainda em outros, nacionais e internacionais, destacando-se os que dedica à Arqueologia Militar Romana. É autor de dois livros e de cerca de 60 artigos em publicações nacionais e internacionais.
Email: carlos_samuel_pereira@hotmail.com

*** AMPHORA, Arqueologia, Arqueólogo a prestar serviços na Câmara Municipal de Mafra. Licenciado em História, variante Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade NOVA de Lisboa. Coautor de diversos artigos sobre a arqueologia local e regional. Entre 2000 e 2020 exerceu funções de arqueólogo diretor (arqueologia preventiva) em várias empreitadas públicas e privadas de grande envergadura em Portugal e no estrangeiro (no qual se incluem autoestradas; metro; canais de rega, barragens, pontes e viadutos).
Email: eri.carlos.costa@gmail.com

**** UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Professora auxiliar com nomeação definitiva na Faculdade de Letras de Lisboa, investigadora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Arqueóloga da Câmara Municipal de Mafra entre 1997 e 2011. O seu tema de mestrado (1997) e doutoramento (2010) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, centrou-se no povoado pré-histórico do Penedo do Lexim e no povoamento da área da Ribeira de Cheleiros. Entre 2011 e 2013 exerceu funções como subdiretora-geral no Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico e na Direção Geral do Património Cultural. Atualmente desenvolve projetos de investigação em Coruche, Palmela e Mafra. Autora de mais de 100 títulos publicados, incluindo 10 livros e artigos em publicações nacionais e internacionais. A sua área de investigação centra-se nas antigas sociedades camponesas do 4.º e 3.º milénios a.C., História de Arqueologia e Gestão do Património.
Email: sousa@campus.ul.pt

1. MAFRA ROMANA E O CONTEXTO POSSÍVEL

O atual estado do conhecimento sobre a ocupação romana do Concelho de Mafra carece ainda de alguma investigação, no entanto, o panorama mudou substancialmente nas últimas duas décadas. Ainda que conheçamos abundantes informações sobre vestígios diversos desta ocupação (achados isolados, epígrafes, troços ou informações de vias e caminhos, sítios arqueológicos), num futuro próximo será necessário realizar um considerável esforço na investigação sobre este período, para que possamos conhecer com maior rigor esses vestígios e ocupações.

A região de Mafra estava integrada na área ocidental dos *agri olisiponensis* (Ribeiro, 1982–83, p. 156–160; Almeida e Sousa, 1996, p. 207; Borges, 2018, p. 219) e, tal como aconteceu para outras zonas do oeste (Ribeiro, 1982–83, p. 165; Byrne, 1993, p. 42–46; Carvalho e Almeida, 1996; Gonçalves, 2011, p. 16; Borges, 2015, p. 155–157), deverá ter mantido uma relação de comércio com a urbe (*Olisipo*) por corresponder a uma região propícia para a exploração dos recursos existentes (Mantas, 1990, p. 171–172; Almeida e Sousa, 1996, p. 212). A existência de uma densa rede de vias e caminhos (Saa, 1967; Byrne, 1993), que seria complementada por vias flúvio-marítimas (Mantas, 2004, p. 427–429; Freire *et al.*, 2014; Borges, 2018), é sintoma de uma considerável presença de aglomerados romanos.

O conhecimento de muitos destes aglomerados foi-nos transmitido pelo pioneiro da Arqueologia portuguesa, Estácio da Veiga, que descreveu com relativo detalhe os seus “percursos” pelo município (1879). Todavia, somente na década de 90 do século XX seriam divulgadas as primeiras sínteses sobre os vestígios romanos do concelho (Almeida e Sousa, 1996). Se até então o estado da arte se desenvolveu timidamente, o exponencial aumento de obras e construções no novo século permitiu a realização de frequentes trabalhos de arqueologia que contribuíram positivamente para o conhecimento da ocupação romana. Alguns destes sítios foram investigados recorrendo à realização de escavações arqueológicas, o que permitiu ampliar o número de locais conhecidos.

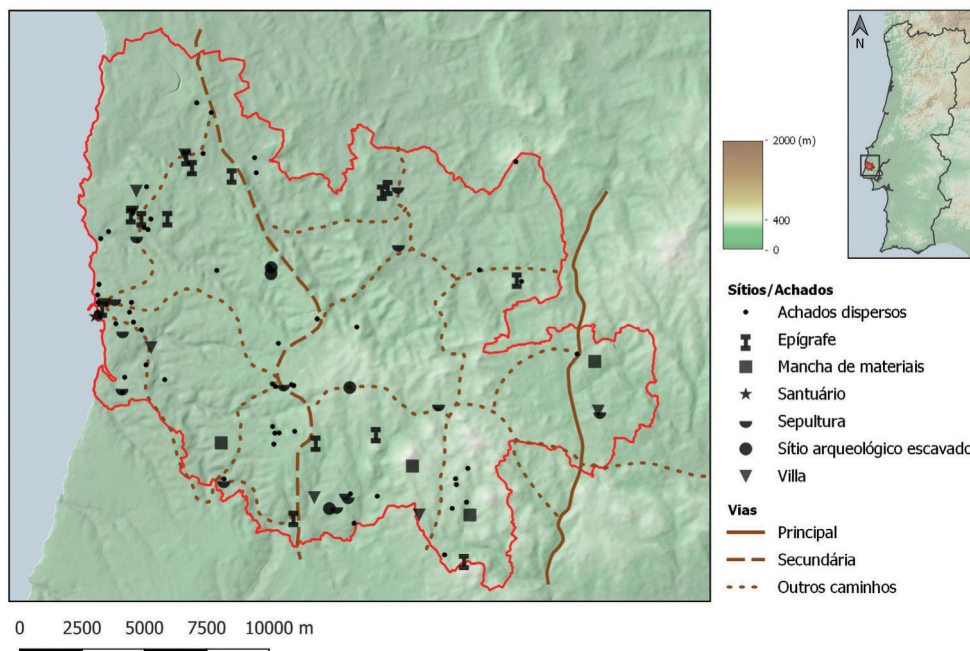


Fig. 1
Maifra Romana – cartografia dos vestígios identificados

2. ONTEM E HOJE... O QUE SABEMOS

Não obstante o avanço no conhecimento, a leitura passível de ser realizada sobre esta ocupação é ainda bastante limitada, pois os vestígios mais abundantes continuam a ser as informações de materiais recolhidos sem o devido enquadramento contextual, denominados de “achados isolados”. Mais raros são os vestígios que, como veremos, permitem classificar o tipo de ocupação/utilização do sítio. Associados a estes sítios, encontramos, por vezes, monumentos epigráficos funerários, votivos ou miliários, para além das informações e vestígios de vias e caminhos romanos.

Os aglomerados mais frequentes no *municipium olisiponensis* seriam, evidentemente, as *villae* e os casais agrícolas (Almeida e Sousa, 1996; Cardoso e Encarnação, 1999; Guerra, 2003). Conhecem-se algumas destas ocupações no concelho, como é o caso da Senhora do Ó, de Cabeço de Palheiros, do Carvalhal, da Mata Pequena, da Rólia, Terra do Concelho (Marvão), São Domingos da Fanga da Fé e da Godinheira, conquanto

a maioria não esteja confirmada pela realização de escavações. Mais difíceis de determinar são os sítios do Cabecinho da Capitôa, do Vale das Velhas, do Pinhal da Quinta do Mato Grande e de Paço d'Ilhas / Quinta dos Chãos.

Até ao momento, somente os vestígios recentemente escavados, próximos à igreja da Senhora do Ó, na freguesia da Carvoeira, se podem intuir (com relativa certeza) pertencer a uma *villa*, uma vez que além de contextos de produção (Batata, 2012), foram igualmente identificados indícios de construções que se podem considerar pertencentes à *pars urbana* (pavimentos musivos, pinturas parietais). Este aglomerado oferecia uma implantação estratégica, localizado na margem direita do rio Lizandro, até ao qual seria eventualmente navegável (Borges, 2018, p. 222-225). Estaria igualmente servido por uma via romana que atravessava o rio neste ponto e onde, presumivelmente, teria existido uma ponte (Gandra e Caetano, 1995, p. 249; Lopes, 1996, p. 236) ou uma travessia com recurso a embarcações. Encontrando-se, deste modo, servido por vias terrestres e fluviais que, embora não se tenham identificado construções que o atestem, está comprovada pela descoberta de uma robusta estrutura que deveria corresponder ao paredão que protegia a *villa* das cheias do rio. Para além desta estrutura conservar uma altura superior a 1m, não se tendo alcançado a sua base (Batata, 2012, p. 17), nela entroncava uma cloaca que seguramente canalizava as águas residuais para o rio. Este é mais um vestígio que permite apoiar a possibilidade de estarmos perante uma *villa*, já que, regra geral, os casais agrícolas não justificavam a construção de uma rede de esgotos, além de que estas infraestruturas deveriam ser construídas previamente à edificação do urbanismo.

A ocupação desta *villa* caracteriza-se por uma sequência de várias fases de remodelação/manutenção dos espaços habitados (Batata, 2012), desde o Alto-Império até à Antiguidade Tardia. Determinadas áreas foram, contudo, convertidas em espaços funerários em momento avançado da ocupação, à qual se sucederia uma outra, em época Islâmica (atestada pela presença de silos) e, mais tarde, a utilização religiosa medieval (Igreja da Senhora do Ó, também conhecida como Senhora do Porto). A esta ocupação foi já relacionada (Borges, 2018, p. 225) um dos achados isolados nas proximidades da Carvoeira, concretamente uma moeda de Cláudio (Gandra e Caetano, 1995, p. 253; Lopes, 1996, p. 236; Gandra, 2014, p. 98) (provavelmente RIC I, 113), relação para a qual não temos quaisquer fundamentos. No entanto, a ocupação deste espaço pode remontar à época romana-republicana, uma vez que um dos signatários (CC) recolheu cerâmicas de verniz negro itálico nas imediações (Camp. A e B calena).



Fig. 2
 Senhora. do Ó. 2A. Tanque de decantação coberto pelo pavimento em *opus signinum* do tanque ou *natatio*. 2B. Pormenor da cloaca (fotos cedidas por Carlos Batata)

Para o sítio do Carvalho as informações não são abundantes, limitando-se à descoberta de cerâmicas e sepulturas romanas escavadas em blocos de basalto, postas a descoberto aquando o alargamento da estrada para esse local (Manique, 1947, p. 77; Lopes, 1996, p. 244–246), apoiando-se sobretudo na direção da via que, vinda de Odrinhas, atravessava a ribeira de Cheleiros junto ao Carvalho, continuando pelo Boco, Muchalforro e Almada, em direção a Mafra.

A mesma situação é extensível ao sítio da Rólia, de onde, em 1947, se deu a conhecer a descoberta de uma sepultura romana e abundantes materiais cerâmicos e de construção nas imediações (Almeida e Sousa, 1996, p. 209; Borges, 2018, p. 231), destacando-se uma coluna de calcário, elemento frequente em contextos habitacionais. Para este sítio foi considerada uma cronologia alto-imperial, não sendo ainda claro o tipo de ocupação que aí existiu (Sousa e Sepúlveda, 1999, p. 63–65).

Os vestígios detetados na Mata Pequena são mais densos e permitem considerar ajustar-se a uma eventual *villa* (Almeida e Sousa, 1996, p. 213–214; Borges, 2018, p. 229–230). Neste local foram recolhidos elementos arquitetónicos de mármore, fragmentos de ânforas (Almagro 50), de *terra sigillata* (itálica e sudgálica), de lucernas, de vidros, moedas (Fig. 10, n.º 5 e 6) (Almeida e Sousa, 1996, p. 213–214; Lopes, 1996, p. 252; Sousa e Sepúlveda, 1999, p. 41–64; Borges, 2018, p. 229–230) e a cabeça de uma estatueta de marfim, que inicialmente foi considerada romana (Almeida e Sousa, 1996, p. 214) e à qual um estudo posterior atribuiu outra cronologia (Sousa e Sepúlveda, 1999, p. 47). Atendendo à análise dos materiais aí recolhidos foi sugerida uma utilização do espaço balizada entre final do século I e o século IV d.C.

Outro sítio que vem sendo considerado como uma provável *villa* romana é o da Godinheira (Gandra e Caetano, 1995, p. 304, Sousa e Sepúlveda, 1999, p. 64–65), ainda que, até ao momento, não tenhamos argumentos irrefutáveis para essa classificação. Próximo da localidade com esse nome foram recolhidos abundantes artefactos arqueológicos, nomeadamente um fragmento de ânfora (Almagro 51c), dois pesos de tear, uma moeda de bronze (Almeida e Sousa, 1996; Lopes, 1996, p. 254; Sousa e Sepúlveda, 1999, p. 58), cerâmica campaniense e *terra sigillata*. Não se registam elementos arquitetónicos que evidenciem uma monumentalidade das construções, tendo sido apenas identificada uma enorme área de dispersão de materiais. A cerca de três quilómetros a sudoeste da Godinheira foi identificada uma cupa, na Fonte Velha, Monfirre (Gandra e Caetano, 1995, p. 304; Almeida e Sousa, 1996; Matias, 2005, p. 98; 2019, p. 155–156).

Os vestígios registados em Paço d'Ilhas não permitem considerar leituras taxativas para este local. Com efeito, além das "explorações" realizadas por Estácio da Veiga (1879, p. 23–25), conhecemos frequentes informações da existência de vestígios romanos no local (Pereira, 1910, p. 173; Almeida e Sousa, 1996). No entanto, foi à presença de monumentos epigráficos que mais se deu atenção, concretamente a uma lápide funerária, que foi encontrada soterrada, no século XVII, entre Paço d'Ilhas e a mata da Quinta dos Chãos (CIL II, 5222; Matias, 2019, p. 153), bem como a uma cupa de calcário (Pereira, 1910, p. 173; Matias, 2019, p. 154), às quais podemos somar mais dois monumentos recentemente identificados. Tal como em alguns dos casos anteriores, de momento não existem dados suficientes para interpretar corretamente os vestígios que aqui têm surgido, sendo os monumentos epigráficos, por ora, os únicos elementos que sugerem a eventual ocupação desta área. Refira-se, ainda, a possibilidade de navegabilidade na foz do rio do Cuco, que juntamente com a ribeira do Paço, serviriam os aglomerados aí instalados (Borges, 2018, p. 223).



Fig. 3
Cupas inéditas. 3A. Cupa da Quinta dos Machados (Picanceira). 3B. Cupa da Quinta dos Mogos (Santo Isidoro)

A escavação do Cabeço de Palheiros permitiu identificar uma ocupação distinta, no espaço e no tempo, das que se mencionaram antes. Esta ocupação é de dimensões modestas, inserindo-se na categoria dos casais agrícolas (Alarcão, 1998), estando os contextos profundamente afetados. Ainda que não se tenham registado estruturas, recolheu-se de um considerável conjunto de cerâmica comum e de construção (Sousa, Madeira e Sousa, 2004, p. 255–262) que permitiu concluir que o sítio terá sido ocupado durante a Antiguidade Tardia, eventualmente prolongando-se até momento Alto-Medieval. É provável que as construções tenham recorrido a materiais perecíveis, motivo que justificaria a invisibilidade no registo arqueológico. Apesar disso, a ocupação é relacionada com uma eventual exploração agrícola, ponderando-se uma hipotética construção de “tipo telheiro” associada a outro núcleo habitacional de maior entidade nas imediações (*ibidem*, p. 264).

As mesmas considerações podem ser tidas para o Pinhal da Quinta do Mato Grande, ainda que, neste caso e apesar da recolha de materiais romanos (Sousa, 2008, p. 450–451), os vestígios pareçam remeter para uma ocupação mais recente.



Fig. 4
Cabeço de Palheiros: Aspeto geral dos trabalhos arqueológicos

As ocupações de carácter mais efémero são caracterizadas por vestígios arqueológicos ténues, como é o caso do setor 2 do Cabecinho da Capitôa (Sousa, 2008, p. 466–467). Neste local foram identificados derrubes de telha (*imbricis*) de diferentes tipos e níveis de blocos de pedra de dimensão pequena e média, que poderiam constituir derrubes de estruturas, associados a uma estrutura de combustão de base empedrada (lareira ou fogão). Infelizmente a cerâmica comum recolhida não permitiu conclusões cronológicas precisas, mas que, apesar disso, sugere tratar-se de uma ocupação da Antiguidade Tardia (Sousa, 2008, p. 467).

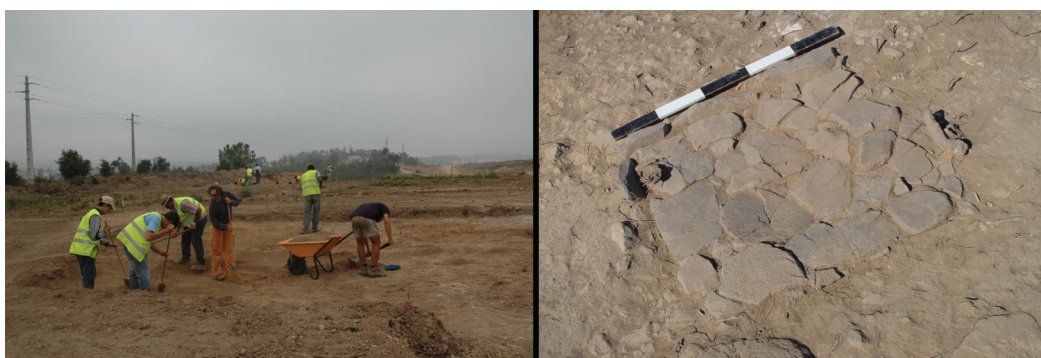


Fig. 5
Cabecinho da Capitôa: Aspeto geral dos trabalhos arqueológicos e pormenor da estrutura de combustão de base empedrada

Os trabalhos arqueológicos das últimas décadas permitiram também a obtenção de dados sobre ocupações relacionadas com eventuais produções, como parece ser o caso do forno 3 da Cova da Baleia. Trabalhos anteriores já mencionaram a presumível exploração da terra e do mar (Almeida e Sousa, 1996; Diogo e Costa, 2000, p. 207–214; Diogo e Costa, 2002, p. 333–335; Borges, 2015, p. 155–157; 2018, p. 234–236), ficando agora demonstrado que no Concelho de Mafra também existiram *officinae*. Trata-se de um forno cuja base oferece uma planta subcircular, conservando a câmara de combustão, parte da grelha e das paredes da câmara de cozedura. A grelha apoia-se em pilares laterais, adossados à parede da câmara, construídos com tijolos. As paredes da estrutura são integralmente de argila refratária, abrindo-se para formar um corredor alongado que dava acesso à câmara de combustão (Sousa, 2008, p. 469). Esta estrutura integra o tipo Id de N. Cuomo di Caprio (2007, p. 525, fig. 169), equivalente ao tipo II V 1 de P. Duhamel (1974, p. 58–65), tipo bastante frequente durante toda a época Romana. Quer a tipologia do forno, quer a classificação de algumas cerâmicas que lhe estavam associadas (*terra sigillata* sudgálica e ânforas produzidas no vale do Guadalquivir), permitiram considerar que terá funcionado em momento indeterminado do Alto-Império.



Fig. 6
Forno 3 da Cova da Baleia
(Barreiralva, Mafra)

Os espaços da morte em época romana, embora se localizassem fora das áreas habitadas, integravam plenamente o quotidiano dos habitantes, sendo espaços de frequência, memória e veneração. No município de Mafra conhecemos algumas informações que permitem reconhecer a existência de necrópoles romanas, é o caso da Quinta das Casas Novas, do Lexim, de Mafra e do Carvalhal.

Infelizmente, para o caso da Quinta das Casas Novas a informação é escassa. Em 1850 foram abertas sepulturas contendo cinzas e unguentários (Gandra e Caetano, 1995, p. 252), materiais cujo paradeiro atualmente é desconhecido. Ainda que esta situação não permita tecer quaisquer considerações, não deixa de ser relevante mencionar também o aparecimento de dois memoriais funerários a pouco mais de 2km deste local. Com efeito, uma lápide foi identificada na Igreja da Nossa Senhora da Luz (CIL II, 302), na Azueira, estando depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Matias, 2019, p. 147-148), e uma cupa funerária foi recolhida no Livramento, posteriormente levada para o Museu do Carmo e cujo paradeiro se desconhece (Gandra e Caetano, 1995, p. 251). Estes achados permitem supor a existência de um caminho romano.

Na povoação do Lexim, Estácio da Veiga "explorou" uma necrópole de inumação na década de 70 do século XIX, onde recolheu algumas moedas que descreveu (Veiga, 1879: 33-36) e que podem corresponder aos numismas RPC I, 42 e RIC IX, 22a. Foram estes numismas, um de Tibério e o outro de Teodósio I, que lhe permitiram atribuir à necrópole uma cronologia limitada nos séculos I a IV d.C. Ainda que frequentemente se relacione esta necrópole com o topónimo de Currais Velhos (Borges, 2018, p. 230), a descrição e "a planta do circuito" que publicou mencionam claramente os "Casaes do Lexim", lugar que, vindos de Mafra, se localiza à entrada daquela povoação.

Com efeito, nesta zona tem surgido uma elevada concentração de vestígios desta natureza, pois além da necrópole que Estácio da Veiga escavou (Veiga, 1879, p. 33-36; Freire e Passos, 1933, p. 10; Almeida e Sousa, 1996; Sousa, 2007, p. 298-308), próxima do Penedo do Lexim, também neste lugar apareceu, na década de 70 do século passado, um púcaro de cerâmica (forma VIII - B - 9 de I. Vaz Pinto) e um unguentário de vidro (tipo Isings 101) que, embora descontextualizados, seguramente são provenientes de uma sepultura datável dos séculos III ou IV (Sousa, 2007, p. 299-304).

Ainda que anteriormente se tenha proposto que no Casal do Rei tenha existido uma *villa* (Sousa e Sepúlveda, 1999, p. 60-65), não temos, até ao momento, dados suficientes para sustentar tal proposta. Todavia, a densidade de vestígios nesta região, aos quais se somam diversos achados isolados de que falaremos adiante, levou a que já Estácio

da Veiga equacionasse essa possibilidade para outro local próximo. Apoiando-se na necrópole que identificou e na recolha de dois fustes de coluna no Vale das Velhas, próximo à povoação do Lexim, propõe que aí tenha existido uma ocupação romana (Veiga, 1879, p. 47).

Mais difícil de interpretar é a necrópole de Carrilhas, em Mafra. Estácio da Veiga (1879, p. 42) mencionou que foi explorada pelos proprietários no ano de 1871 e que terão detetado mais de 50 sepulturas de incineração e inumação (Almeida e Sousa, 1996). Infelizmente, os abundantes materiais recolhidos não foram acautelados (Veiga, 1879, p. 42). A sua localização é difícil de determinar, mas a informação de que está "[...] a poucos passos da Fonte de Mafra e a oeste da fachada principal da grandiosa basílica de D. João V [...]" (*op. cit. ibidem*) consentem relacionar esta necrópole com os achados isolados ocorridos na R. Serpa Pinto, uma moeda de Agripina, talvez RIC I, 55 (Veiga, 1879, p. 41; Gandra e Caetano, 1995, p. 287–288) e, na Praça da República, onde se acharam várias moedas. Destas, apenas uma foi observada por Estácio da Veiga, correspondendo ao reinado de Graciano, porventura RIC IX, 43a ou imitação hispânica (Veiga, 1879, p. 41–42; Gandra e Caetano, 1995, p. 288).

A existência de uma necrópole no espaço que fica entre a Vila Velha e o Palácio de Mafra é igualmente plausível atendendo à referência a um possível marco milário que Estácio da Veiga observou nas imediações da Igreja de Santo André (Veiga, 1879, p. 40–41). Embora o pioneiro algarvio hesite na sua datação romana, outros investigadores sugeriram essa possibilidade, considerando que os caracteres TORCV designariam *Turres centum quinque* (a Torres Vedras, 105 estádios = 19 km) (Ferreira, 1903). Apesar desta problemática, a localização de uma necrópole nesta área é consentida pela maioria dos investigadores (Ribeiro 1982–83; Almeida e Sousa, 1996).

A possibilidade da existência de uma necrópole romana no Casal do Rosário, de onde foi considerada a proveniência de dois monólitos, suscita-nos diversas dúvidas. A lápide funerária, cedida ao MNA em 1904, que Leite Vasconcelos ponderou ser proveniente de Mafra (Vasconcelos, 1927; Gandra e Caetano, 1995, p. 298), foi legitimamente atribuída a este sítio (Torres, 1861, p. 252; Matias, 2019, p. 159). Neste local foi ainda recolhida outra epígrafe (CIL II, 5223), descoberta em 1872, provinda dos terrenos circundantes à Ermida de São Domingos da Fanga da Fé (Veiga, 1879; Ferreira, 1903; Almeida e Sousa, 1996; Matias, 2019, p. 152) e que em data desconhecida foi transportada para o Casal do Rosário.

A mesma dificuldade está patente na caracterização da eventual necrópole de incineração e inumação do Carrascal, onde foram identificadas sepulturas construídas com ladrilhos e se recuperaram urnas cinerárias (Almeida e Sousa, 1996).

Na envolvente da vila da Ericeira existem ainda possíveis referências atribuídas a sepulturas, concretamente no sítio das Bilhas, Casal da Camacha e Quinta do Rego. Neste último local foram identificadas, por trabalhadores agrícolas, duas ou três sepulturas em “caixa de tijolo cobertas por lajes calcárias”. Do espólio recolhido pelos populares salienta-se um anel de ouro cuja pedra apresentava gravado um hipocampo.

Aos vestígios anteriormente descritos podemos ainda adicionar os indícios de uma ocupação romana na Serra do Socorro (Matias, 2004, p. 339–340), mas da qual desconhecemos ainda dados concretos (ânforas romano-republicanas e *sigillatas*). Além dos casos já mencionados, temos conhecimento de abundantes achados isolados, sobretudo de artefactos, que permitem intuir que a antropização deste espaço terá sido mais significativa. Os mais antigos vestígios de presença romana no concelho encontram-se no Alto da Belavista, na Lapa da Serra, na Senhora do Ó, na Godinheira, na Serra do Socorro e na área do Penedo do Lexim.



Fig. 7
Aspetto geral do Penedo do Lexim e pormenor dos materiais *in situ*

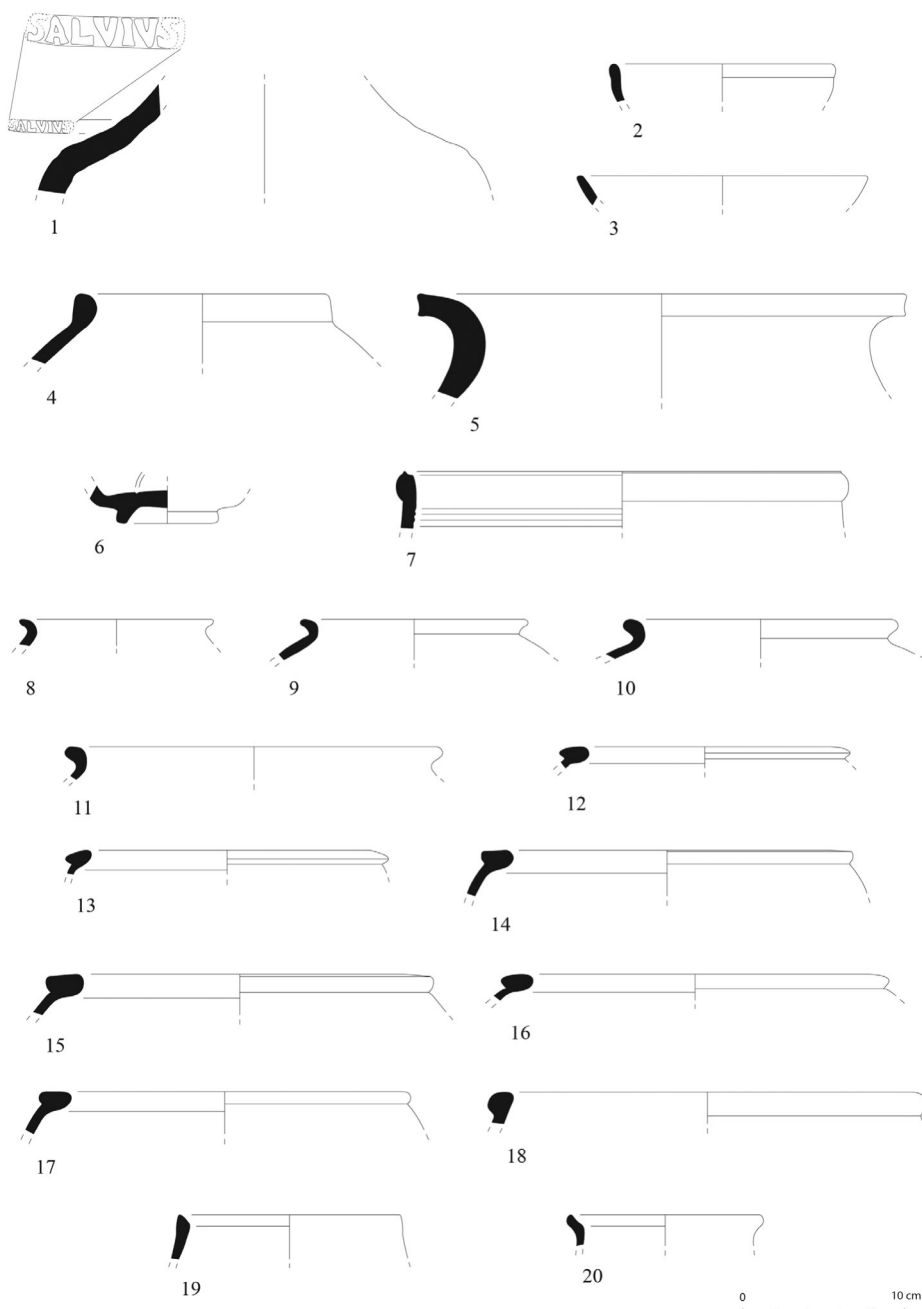


Fig. 8

Alto da Belavista: n.º 1, ânfora Dressel 1 com marca. Senhora do Ó: n.º 2, Campaniense A, tipo Camp–A 27; n.º 3, Campaniense B calena, tipo Camp–B 7 ou 8b. Materiais recolhidos durante as escavações realizadas no Penedo do Lexim: n.º 4, ânfora da Idade do Ferro, tipo 1Ca de Sousa (2014); n.º 5, grande recipiente de cerâmica comum; n.º 6, provável imitação de cerâmica de verniz negro itálico, tipo GBR 2b ou 17 (Adroher, 2014); n.º 7, cerâmica africana de cozinha, tipo Hayes 197; n.º 8 a 18, cerâmica comum de cozinha de produção local/regional, 8 a 11 *oillae*, 12 a 18 *caccabi*; n.º 19 e 20, cerâmica comum de mesa de produção local/regional, jarros

No Alto da Belavista foi recolhido um fragmento de uma ânfora de tipo Dressel 1 (Fig. 8, n.º 1), possivelmente originária da costa do Adriático, com a marca de SALVIVS no ombro (CEIPAC n.º 20932). Na Lapa da Serra foram recolhidas cerâmicas comuns, um fragmento de ânfora de tipo Mañá C2, *terra sigillata* e tégulas em contexto de obra (Diogo e Costa, 2005, p. 412–420; Borges, 2018, p. 225). No sítio da Senhora do Ó, um dos signatários (CC) recolheu fragmentos de campaniense A e B calena (Fig. 8, n.º 2 e 3).

Na freguesia da Igreja Nova, concretamente na área do Lexim, foram recuperadas três glandes de funda na Raimonda, recolhidos por Maria Helena Cidade, existindo igualmente materiais romano-republicanos (ânfora Mañá C2; imitações de campaniense GBR 2b ou 17, Adroher, 2014) recuperados durante as escavações realizadas no Penedo do Lexim (Fig. 8, n.º 6) e que permitiram propor que o local tenha tido alguma função de vigia (Sousa, 2007, p. 308). Além de um fragmento de ânfora (Fig. 8, n.º 4) produzido na península de Lisboa durante a Idade do Ferro (variante 1Ca de Sousa, 2014), também foram recuperados abundantes fragmentos de cerâmica comum alto-imperial, sobretudo *ollae* e *caccabi* (Fig. 8, n.º 8 a 20), e um exemplar de cerâmica africana de cozinha (Fig. 8, n.º 7).

A Raimonda (Casal do Matheus) forneceu, contudo, outros vestígios arqueológicos, transmitidos por Estácio da Veiga (1879, p. 32–33), que referiu a recolha de abundante material, nomeadamente: um “vaso de vidro”, outros fragmentos do mesmo material e moedas. A proximidade deste local a outros já mencionados (necrópole do Lexim, Penedo do Lexim, Vale das Velhas) obriga a considerar uma eventual relação entre todos eles, mas que somente pode ser devidamente equacionada com futuros trabalhos de investigação.

É digno de se mencionar um numisma romano-republicano, provavelmente um denário da *gens Caecilia* (Fig. 10, n.º 1), recolhido no Moinho do Pitas. Também deste local são provenientes um As de Cláudio de 41–50 d.C. (RIC I, 100, Fig. 10, n.º 2) e um numisma de difícil leitura, eventualmente um antoniniano ou *centenionalis* de Constantino.

Na vila da Ericeira, na Rua de Baixo, foram identificados dois numismas (datados do século IV – um sob o domínio de *Constantinus* e um outro de *Constantius II*). Na Calçada da Ribeira da Baleia foi recolhido um numisma de *Gratianus*.

Ainda na freguesia da Ericeira têm sido recuperados vários materiais que, por corresponder a recolhas de superfície, não permitem considerações sobre o tipo de ocupação, como é o caso da Rua do Joinal (Diogo e Costa, 2005, p. 412–420) e do Casal Cordeiro, nas suas diversas áreas (Diogo e Costa, 2002, p. 333–338). Em Casal Cordeiro, foram realizadas várias intervenções arqueológicas sem que, contudo, se tenham registado contextos habitacionais da ocupação romana (Sousa, Sousa e Pereira, 2005), à exceção de uma estrutura de combustão que cortava contextos datados do Calcolítico e cuja cronologia aponta para o século I–II d.C. (datação por radiocarbono).

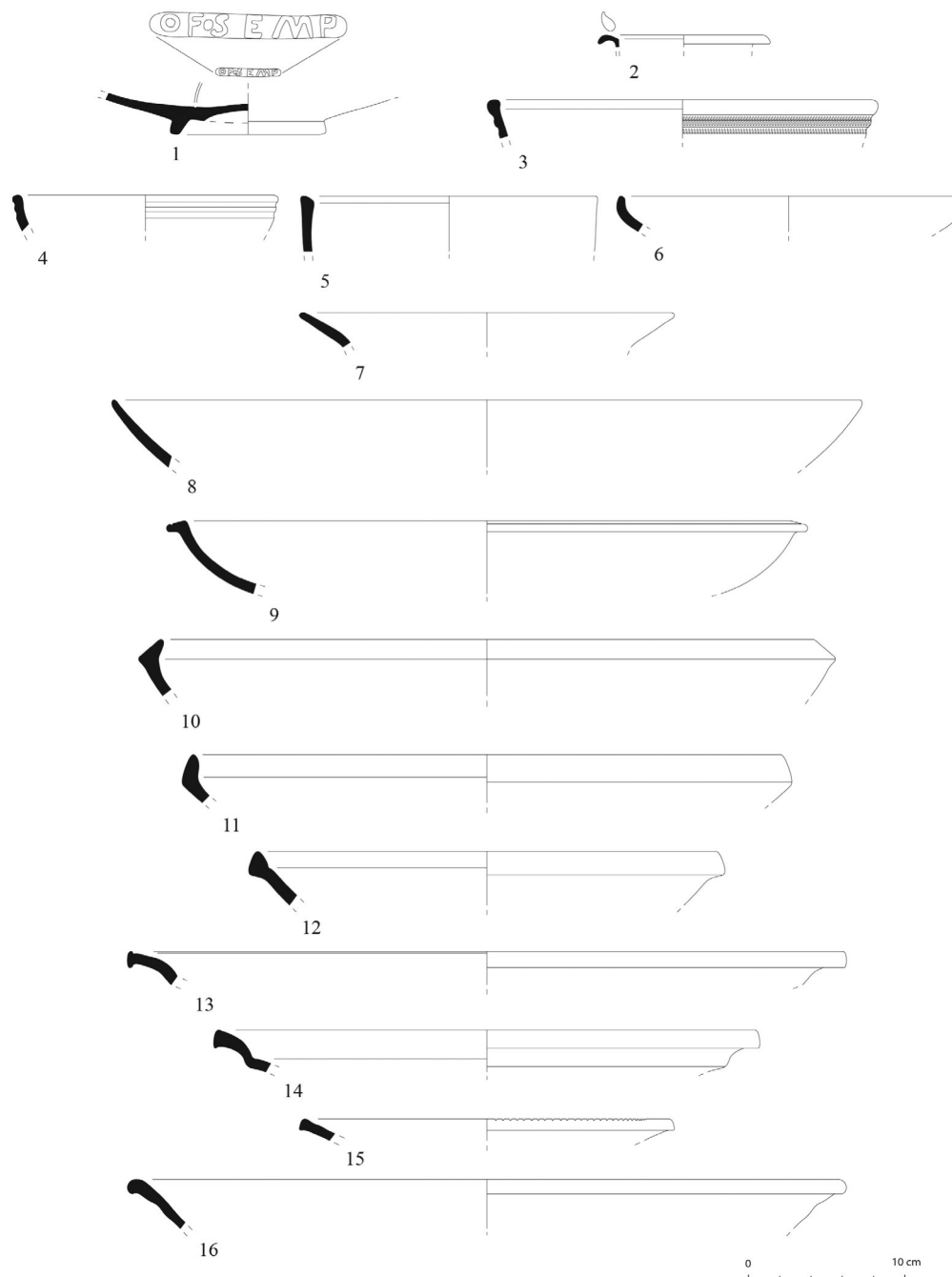


Fig. 9
 Praia dos Pescadores: n.º 1, *terra sigillata* hispânica com marca. Terras do Concelho: n.º 2 a 6, *terra sigillata* Clara A (n.º 2, Hayes 3B small version; n.º 3, Hayes 9A; n.º 4, Hayes 9B; n.º 5, Hayes 14A; n.º 6, Hayes 27); n.º 7 e 8, *terra sigillata* Clara C (n.º 7, Hayes 45; n.º 8, Hayes 50); n.º 9 a 15, *terra sigillata* Clara D (n.º 9, Hayes 58; n.º 10 e 11, Hayes 61A; n.º 12, Hayes 61B; n.º 13 e 14, Hayes 67; n.º 15, Hayes 73A); n.º 16, *terra sigillata* hispânica tardia, Drag. 37T

Relevantes são também, os materiais recolhidos na Rua do Rio Calvo (*terra sigillata* sudgálica, colo de ânfora, recipiente de bronze) e na Praia dos Pescadores (*terra sigillata* hispânica com marca OF.SEMP, B.626–632, Fig. 9, n.º 1). A elevada quantidade de materiais proveniente de Terras do Concelho, em Marvão delata uma possível ocupação do espaço em momento avançado da época romana (séculos II – V d.C.). Do conjunto salientamos a presença de *terra sigillata* clara A (Hayes 3B, 9, 14A, 27, Fig. 9, n.º 2 a 6), clara C (Hayes 45, 50, Fig. 3, n.º 7 e 8), clara D (Hayes 58, 61A, 61B, 67 e 73A, Fig. 9, n.º 9 a 15) e TSHT (Drag. 37T, Fig. 3, n.º 16). Podemos ainda destacar a elevada presença de fragmentos inclassificáveis de fundos decorados por impressão (estilo A (ii)–(iii) de Hayes: quadrados reticulados, palmetas, rosetas).

Neste local foram também recolhidos sete numismas, dos quais se destacam três exemplares, dois datados de século IV, de *Constantinus* II e de *Constantius* II e um último de *Claudius* II (século III).

Foram identificados ainda outros numismas no concelho, nomeadamente: no Casal da Ameixoeira (Veiga, 1879; Gandra e Caetano, 1995, p. 258), no Casal da Estrada (Veiga, 1879; Gandra e Caetano, 1995, p. 259), em Salgados (moeda de Alexandre Severo, talvez RIC IV–II, 238) (Gandra e Caetano, 1995, p. 291), no Alto da Camacha 2 (As de Agripa, RIC I, 58, Fig. 10, n.º 3), na Quinta da Cerca (meio centenionalis de Constâncio II, Fig. 10, n.º 4), na Malveira/Quinta do Portancho (moeda de Arcádio, talvez RIC IX, 27b–1) (Valdez, 1897; Gandra e Caetano, 1995, p. 292) e em Santo Isidoro (três moedas romanas: de Augusto, de Cláudio e de Maximiano) (Gandra e Caetano, 1995, p. 302).



Fig. 10

Numismas recuperados no Concelho de Mafra: Moinho do Pitas; n.º 1, provável denário da *gens Caecilia*; n.º 2, As de Cláudio (RIC I, 100); Alto da Camacha; n.º 3, As de Agripa (RIC I, 58); Quinta da Cerca; n.º 4, meio *centenionalis* de Constâncio II; Mata Pequena; n.º 5, Antoniniano de Galieno (RIC V, 256); n.º 6, série comemorativa cunhada durante o reinado de Constantino I, imitação hispânica

3. CONCLUINDO... POR AGORA

Nas últimas décadas, a Arqueologia permitiu um considerável avanço do conhecimento sobre a ocupação romana no Município de Mafra. No entanto, muito está ainda por realizar para que possamos alcançar um nível de conhecimento eficiente para a interpretação da rede de povoamento romano.

Neste âmbito, merece destaque a imponentia dos vestígios registados na Senhora do Ó, localizada na margem do rio Lizandro, que esteve sujeita às variações constantes da linha de costa (Pereira, Dias e Laranjeira, 1994), mas sobretudo dos ritmos de assoreamento (Trindade, Pereira e Metrogos, 2006). Além deste importante sítio, outros demonstram que o concelho foi ocupado e explorado na Antiguidade, registando-se vários núcleos habitacionais aos que é possível associar espaços da morte. Além dos que foram descritos com mais detalhe e que estão classificados como tal, outros vestígios parecem indicar áreas funerárias, particularmente a concentração de epígrafes nas áreas de Alcaínça, Cheleiros, Ericeira, Santo Isidoro, Encarnação e Azueira.

Não obstante a maioria destes sítios estar relacionada com a exploração da terra e do mar (Almeida e Sousa, 1996; Borges, 2018), esta região também serviu para a produção de bens manufaturados, como o forno da Cova da Baleia assim deixa antever. Todavia, devemos reconhecer que as *officinae* aqui existentes deveriam cumprir funções que complementavam as necessidades locais, produzindo-se, sobretudo, cerâmicas de construção.

A região de Mafra não correspondia a uma área independente e isolada do restante *municipium olisiponsis*, motivo pelo qual estaria servida por uma considerável rede de vias e caminhos (Saa, 1960; Mantas, 2004). Estes vestígios não foram ainda alvo de um estudo aprofundado. Ainda assim, tem-se considerado que as pontes da Senhora do Ó e de Cheleiros podem ter uma génese romana (Byrne, 1993, p. 44; Lopes, 1996, p. 252; Sousa e Miranda, 2002, p. 291; Borges, 2018, p. 229). Pode apresentar-se como provável que o território mafrense fosse atravessado por uma via secundária e uma outra regional: a primeira, vinda de Lisboa, passava por Torres Vedras; e a outra, vinda da zona de Sintra, encaminhava-se para a mesma localidade. Uma rede de diversos caminhos locais complementaria esta rede viária.

A esta rede de comunicações terrestres adicionar-se-ia um importante sistema flúvio-marítimo (Borges, 2018), que mantinha a relação com a urbe olisiponense. Estas vias seriam determinantes para a economia da população que aí habitava (Almeida e Sousa, 1996, p. 213–214) bem como, para as relações interprovinciais (Mantas, 1998).

CORPUS EPIGRÁFICOAZUEIRA (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DA AZUEIRA E SOBRAL DA ABELHEIRA)

DESIGNAÇÃO: Cipo funerário romano

N.º DE INVENTÁRIO: AZU.022 / **CNS:** 6567

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Cipo funerário romano de calcário. Inicialmente a sua proveniência foi confundida com Azoeira de Torres Vedras dando lugar a alguma confusão no próprio processo de incorporação no Museu Nacional de Arqueologia.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Museu Nacional de Arqueologia (MNA)

BIBLIOGRAFIA: Hubner, 1869; Vasconcellos, 1927–29; Matias, 2005; Matias, 2019

CHELEIROS (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE CHELEIROS E IGREJA NOVA)

DESIGNAÇÃO: Cipo funerário romano

N.º DE INVENTÁRIO: CHL.003.004 / **CNS:** 3910

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Inscrição funerária muito simples, identificando apenas o inumado pelos seus tria nomina.

Encontra-se adossado à Igreja de Nossa Senhora do Reclamador (fachada Sul).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Hubner, 1869; Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Capeamento de ara

N.º DE INVENTÁRIO: CHL.003.006 / **CNS:** 3910

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Capeamento conservando friso.

Friso decorado com nove arcos simétricos de volta perfeita e cordão superior com incisões na diagonal.

Encontra-se adossado à Igreja de Nossa Senhora do Reclamador (fachada Sul).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Vieira, 1998; Sousa e Miranda, 2002; Matias, 2005; Matias, 2019

ENCARNAÇÃO

DESIGNAÇÃO: Placa retangular com moldura

N.º DE INVENTÁRIO: ENC.003.001 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Trata-se de uma placa moldurada, cortada na parte superior, pelo que não é possível determinar o seu tipo (funerário, honorífico ou outro). Madeira Torres descreve esta inscrição observando-a no Casal do Rosário (Torres, 1861). Incorporada no MNA em data incerta, é publicada em 1927 por J. Leite de Vasconcellos onde dá notícia da sua existência referindo que provém de lugar incerto, talvez Mafra (Vasconcellos, 1927–29).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Museu Nacional de Arqueologia

BIBLIOGRAFIA: Torres, 1861, Vasconcellos, 1927–29; Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Estela funerária romana

N.º DE INVENTÁRIO: ENC.004 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Estela funerária de topo arredondado com alisamento das faces anteriores laterais.

Descoberta em 1872, foi posteriormente transportada para o Casal da Estrada onde serviu de poial até que, em 1904, o Dr. Carlos Galvão conduziu o processo da sua incorporação no MNA (n.º inv. 6301).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Museu Nacional de Arqueologia

BIBLIOGRAFIA: Veiga, 1879; Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Cipo funerário romano

N.º DE INVENTÁRIO: ENC.006.002 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Cipo de calcário cuja inscrição funerária se encontra cortada no lado esquerdo, impossibilitando a sua leitura completa.

Encontra-se a servir de pé de altar na Igreja de São Domingos da Fanga da Fé.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Gandra, 1996; Matias, 2005; Matias, 2019

ENXARA DO BISPO (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DA ENXARA DO BISPO,
GRADIL E VILA FRANCA DO ROSÁRIO)

DESIGNAÇÃO: Cipo funerário romano(?)

N.º DE INVENTÁRIO: ENX.053 / **CNS:** 30146

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2004 (Ana Catarina Sousa, Marta Miranda e Carla Matias) / Acompanhamento 2005 (Nuno Ribeiro)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Cipo funerário romano de mármore rosa do qual se conservam três fragmentos.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra.

BIBLIOGRAFIA: Matias, 2005; Ribeiro, 2006; Matias, 2019

ERICEIRA

DESIGNAÇÃO: Capeamento de ara

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.040 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias)

DESCRIÇÃO: Capeamento de ara de forma quadrangular do qual se conserva apenas o friso decorado nas quatro faces laterais.

Proveniente da abertura das fundações da Pousada "Pedro, o Pescador", na rua Eduardo Burnay, Ericeira, em 1942.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira.

BIBLIOGRAFIA: Ribeiro, 1983; Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Árula votiva

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.041 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Árula votiva, de provável cariz privado pela sua reduzida dimensão e simplicidade da inscrição.

(Re)descoberta em 1947 no n.º 5 da Travessa da Misericórdia (antigo Casão da Armação e anterior Paço dos Morgados da Ericeira). Pensa-se que poderá tratar-se de uma "pedra mito" referenciada desde o século XV como pertencente ao altar de Santa Marta. O documento que tem servido de base para esta identificação descreve uma audiência nos Paços do concelho da Ericeira durante a qual um tal de Gomes Leite era condenado a entregar uma "pedra mito" pertencente a Santa Marta (*Boletim da Comissão de Arte e Arqueologia*, 1954, p. 10). Pelo facto de Santa Marta estar relacionada com águas mineromedicinais (cloretadas-nitratadas-sódicas de propriedades terapêuticas) e em

1484 ter sido descoberta uma pedra mito em escavações num terreno situado perto do atual local de Santa Marta, esta árula tem vindo a ser relacionada com o culto a estas águas medicinais.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira.

BIBLIOGRAFIA: Dias, 1983; Ribeiro, 1983; Matias, 2005; Matias, 2019

IGREJA NOVA (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE CHELEIROS E IGREJA NOVA)

DESIGNAÇÃO: Capeamento de ara

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.013.001 / **CNS:** 888

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Capeamento decorado conservando o friso sem decoração.

Está depositada na Igreja de Nossa Sra. da Conceição (à esquerda da porta de entrada)

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Gandra e Caetano, 1995; Matias, 2005; Matias, 2019

MAFRA

DESIGNAÇÃO: Cupa funerária romana

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.202 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Cupa funerária que mantém parte da sua inscrição, tendo sido reutilizada como base de cruzeiro no século XVII (1690).

Foi identificada por uma das signatárias (MM) entre as pedras depositadas no Museu Municipal Prof. Raul de Almeida, em 2006. Desconhece-se a sua proveniência.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra
Bibliografia: Inédito

SANTO ESTEVÃO DAS GALÉS (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE SANTO ESTEVÃO DAS GALÉS E VENDA DO PINHEIRO)

DESIGNAÇÃO: Cupa funerária romana

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.003 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2004 (Marta Miranda e Carla Matias)/ Monitorização Carta Arqueológica de Mafra 2016 (Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Cupa de calcário de topo epigrafado, conservando duas

linhas de texto e um corte oval sob o campo epigráfico e escavação do interior, talvez para a sua reutilização como salgadeira.

Descoberta em 1993 por António Pedroso no lugar da Fonte Velha, Monfirre (Santo Estêvão das Galés,) servindo de bebedouro para animais, e onde se encontrava desde há cerca de oitenta, anos em propriedade privada. Desaparecida desde 1983, foi reencontrada por uma das signatárias (MM) em 2016.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Monfirre

BIBLIOGRAFIA: Matias, 2005; Matias, 2019

SANTO ISIDORO

DESIGNAÇÃO: Cupa funerária romana

N.º DE INVENTÁRIO: STI.005.001 / **CNS:** 1914

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias, Marta Miranda e Ana Catarina Sousa)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Cupa com moldura lateral e inscrição num dos topos, escavada posteriormente no seu interior para ser reutilizada como salgadeira.

Segundo Gabriel Pereira terá sido transportada de Paço d'Ilhas para a Quinta dos Chãos por volta de 1850 (Pereira, 1903, p. 17).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Quinta de Chãos. Observada em 2005 pelas signatárias (ACS e MM)

BIBLIOGRAFIA: Pereira, 1903; Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Placa retangular

N.º DE INVENTÁRIO: STI.006.001 / **CNS:** 21824

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias, Marta Miranda e Ana Catarina Sousa)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Inscrição funerária de três indivíduos que, pela onomástica, não parecem apresentar uma relação familiar direta, não sendo de excluir a existência de laços matrimoniais.

Encontrada enterrada em data incerta no século XVII entre Paço d' Ilhas e a Quinta dos Chãos, na mata da Quinta dos Chãos, da família Gorjão (Torres, 1861, p. 253), tendo sido posteriormente incorporada no altar do Divino Espírito Santo na igreja matriz de Santo Isidoro. Em 1861, data da impressão da obra de Madeira Torres (Torres, 1861, p. 252–254), é pela primeira vez referida a sua utilização como tampa de mesa dos pobres no jardim da Quinta dos Chãos.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Desconhecido (furtada em 2005)

BIBLIOGRAFIA: Torres, 1861; Ribeiro, 1982–83; Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Cupa funerária romana

N.º DE INVENTÁRIO: STI.070 / **CNS:** 38091

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2019 (Cátia Delicado e Carlos Maneira e Costa)

DESCRIÇÃO: No decorrer das prospeções da empreitada das Águas do Tejo e do Atlântico, após informações orais, foi possível identificar uma cupa numa linha de água da Quinta dos Machados da Picanceira.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Quinta dos Machados da Picanceira

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Cupa funerária romana

N.º DE INVENTÁRIO: STI.071 / **CNS:** 38338

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2019 (Cátia Delicado e Carlos Maneira e Costa)

DESCRIÇÃO: Identificação de uma cupa a servir de pé de mesa à entrada da Quinta dos Mogos.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Quinta dos Mogos

BIBLIOGRAFIA: Inédito

SÃO MIGUEL DE ALCAINÇA (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE
SÃO MIGUEL DE ALCAINÇA E MALVEIRA)

DESIGNAÇÃO: Capeamento de ara

N.º DE INVENTÁRIO: ALC.002.006 / **CNS:** 888

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Capeamento conservando o friso decorado. Destacado da parede Norte da igreja matriz, junto à porta de acesso à torre, a cerca de 1,30 m do solo.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Materiais Arqueológicos de Mafra
Bibliografia: Gandra e Caetano, 1995; Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Cipo funerário romano

N.º DE INVENTÁRIO: ALC.002.007 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2004 (Marta Miranda e Carla Matias)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Cipo funerário de mármore rosa com inscrição na face frontal e fôculo circular no topo. Reutilizado como marco de propriedade e salgadeira. Identificado por uma das signatárias (MM) em 2004 no adro da igreja de São Miguel de Alcaínça, junto a um amontoado de elementos arquitetónicos retirados do óculo da capela do Espírito Santo.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Adro da Igreja de São Miguel de Alcaínça.

BIBLIOGRAFIA: Matias, 2005; Matias, 2019

DESIGNAÇÃO: Estela funerária romana

N.º DE INVENTÁRIO: ALC.003.001 / **CNS:** N/A

TRABALHOS REALIZADOS: Levantamento epigráfico 2004 (Carla Matias e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Epigrafia romana. Inscrição funerária de calcário oferecida pela mãe ao seu filho. Após a sua utilização como pedra de altar na Capela do Espírito Santo (Alcainça) a peça foi integrada no Museu Nacional de Arqueologia já com uma fratura significativa, a 10 de março de 1940, por intermédio do coronel Gorjão.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Museu Nacional de Arqueologia

BIBLIOGRAFIA: Gandra e Caetano, 1995; Matias, 2005; Matias, 2019

CORPUS DE SÍTIOS COM TRABALHOS ARQUEOLÓGICOSCARVOEIRA**DESIGNAÇÃO:** Senhora do Ó**N.º DE INVENTÁRIO:** CAR.040 / **CNS:** 33866**TRABALHOS REALIZADOS:** Acompanhamento arqueológico e escavação 2012 (Carlos Batata)**DESCRIÇÃO:** O sítio da Senhora do Ó situa-se sob e em área anexa à capela, na margem direita do rio Lizandro, prolongando-se para o caminho rural conhecido por Rua dos Pardais, no sentido norte. Trata-se de uma planície aluvionar, situando-se os vestígios arqueológicos a 2,5 m de profundidade.

A escavação arqueológica de 2012 revelou a existência de uma intensa ocupação do local, distribuída pelos períodos Romano, Antiguidade Tardia e Islâmico. Estes vestígios são particularmente densos para a época romana e podem-se atribuir a uma *villa*, pois além de contextos de produção (Batata, 2012), foram igualmente identificados indícios de construções pertencentes à pars urbana (pavimentos musivos, pinturas parietais). Por se localizar junto ao rio, durante aquelas intervenções foi descoberta uma potente estrutura que deveria corresponder ao paredão que protegia a *villa* das cheias, onde entroncava uma cloaca que seguramente canalizava as águas residuais para o rio.

A ocupação desta *villa* caracteriza-se por uma sequência de várias fases de remodelação/manutenção dos espaços habitados. Determinadas áreas foram, contudo, convertidas em espaços funerários em momento avançado da ocupação, à qual se sucederia uma residual visitação em época Islâmica e, mais tarde, a utilização religiosa medieval (Igreja da Senhora do Ó, também conhecida como Senhora do Porto). A necrópole visigótica acomodava espólio osteológico em bom estado de conservação.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra**BIBLIOGRAFIA:** Batata, 2012**DESIGNAÇÃO:** Lapa da Serra**N.º DE INVENTÁRIO:** CAR.043 / **CNS:** 33511**TRABALHOS REALIZADOS:** N/A

DESCRIÇÃO: No decorrer de obras de remodelação de uma casa de habitação foram recolhidas cerâmicas romanas. Segundo, Dias Diogo, existe também referência à identificação de estruturas arqueológicas. As cerâmicas recolhidas correspondiam a *terra sigillata* hispânica, cerâmica comum, fragmentos de ânfora (incluindo um fragmento de Mañá C2 a) e *tegulae*. Os materiais identificados permitem datar a ocupação de cerca de 175 a.C. até à segunda metade do século I d.C.

Este local encontra-se dividido entre as freguesias da Carvoeira e Ericeira.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Arquivo – Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira

BIBLIOGRAFIA: Diogo e Costa, 2005

DESIGNAÇÃO: Fonte das Amoreiras

N.º DE INVENTÁRIO: CAR.044 / **CNS:** 39377

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização da Carta Arqueológica de Mafra 2020 (Carlos Costa, Marta Miranda, Ana Catarina Sousa)

DESCRIÇÃO: Num terreno a poente da Fonte das Amoreiras foi identificada uma área de dispersão de material cerâmico com cerca de 500m². Verificou-se igualmente a reutilização de material de construção nos muros de pedra seca, assim como reutilizações de pedras, tendo a equipa recolhido num dos muros um bico fundeiro de uma ânfora de pasta "itálica".

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

CHELEIROS (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE CHELEIROS E IGREJA NOVA)

DESIGNAÇÃO: Valverde

N.º DE INVENTÁRIO: CHL.039 / **CNS:** 39378

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2020 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno de sementeira de culturas arvenses a sul da povoação de Valverde, foi identificada uma mancha de dispersão de material de construção (imbrices e tijolos) e cerâmica comum. Salienta-se a recolha de um fragmento de *terra sigillata* hispânica.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

ENCARNAÇÃO

DESIGNAÇÃO: São Domingos da Fanga da Fé 1

N.º DE INVENTÁRIO: ENC.048 / **CNS:** 39380

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2019 (Cátia Delicado e Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Entre a povoação de São Domingos e a sua Igreja, identificaram-se duas manchas de materiais de construção de cronologia romana, ânforas de fabrico lusitano e "bético", assim como fragmentos de *terra sigillata* sudgálica e vidros.

Na encosta nascente da plataforma onde se localiza a igreja existem relatos de achados de numismas.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Casal da Torre

N.º DE INVENTÁRIO: ENC.009 / **CNS:** 39381

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2019 (Cátia Delicado e Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: No lugar de Casal da Torre, no interior de um aglomerado habitacional de cronologia moderno/contemporânea, foi verificado o embasamento em estrutura pétrea mais antiga que poderá corresponder à citada torre do século XIII. Com base na documentação sobre a região, segundo a autora Maria Júlia Henriques Gil, numa publicação sobre Gentes e coisas da Encarnação, é descrito que, haveria uma propriedade pertencente à Coroa, que foi doada por D. Dinis, à sua mulher Rainha Santa Isabel, por volta do ano de 1278. Terá sido construído nesse local, uma torre possivelmente para proteção da propriedade. Sobre esta estrutura antiga, foi edificada uma parede mais recente, que, continha reutilizações de ímbrices e tijolos de época romana. Numa janela de reduzidas dimensões foi identificado um peso de tear romano reutilizado.

Segundo indicação oral, no terreno localizado a sul da zona habitacional haveria "um cemitério muito antigo" uma vez que foram identificados vários esqueletos cobertos por lajes de pedra no decorrer dos trabalhos agrícolas. Desta "necrópole" não foi identificado qualquer elemento, ficando apenas o presente registo sobre o mesmo.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Gil, 2003

ENXARA DO BISPO (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DA ENXARA DO BISPO,
GRADIL E VILA FRANCA DO ROSÁRIO)

DESIGNAÇÃO: Serra do Socorro

N.º DE INVENTÁRIO: ENX.002 / **CNS:** 986

TRABALHOS REALIZADOS: Escavações 2007-2008 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda) / Acompanhamento 2020 (Marta Miranda e Carlos e Costa)

DESCRIÇÃO: A Serra do Socorro marcou desde sempre a paisagem para as comunidades humanas que ocuparam este território. Nos últimos três mil anos foi ocupada com distintas funções e significados.

Arqueologicamente a sua ocupação inicia-se na Idade do Bronze Final. Fotos aéreas e leituras de superfície indicam que o povoado foi protegido com uma cintura defensiva de planta ovalada. Regista-se ainda uma ocupação da IIª Idade do Ferro, bem como romana. Esta última ainda por definir, pese embora a presença de materiais que apontam para uma cronologia precoce na ocupação deste território, nomeadamente através da presença de ânforas itálicas e cerâmicas de imitação de campanienses, bem como algumas *sigillatas*.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra/ Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras)/ Museu Nacional de Arqueologia (o local encontra-se dividido administrativamente entre os concelhos de Mafra e Torres Vedras)

BIBLIOGRAFIA: Matias, 2005; Dias, 2017; Dias, 2018; Sousa et al, 2019

DESIGNAÇÃO: Vila Pouca

N.º DE INVENTÁRIO: ENX.058 / **CNS:** 39382

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica - Proj. Lisboa Romana 2020 (Carlos Costa e Ricardo Russo)

DESCRIÇÃO: Num terreno de sementeira, a sul da povoação de Vila Pouca identificou-se uma mancha de dispersão de material de construção de cronologia romana, juntamente com cerâmica comum (informação gentilmente cedida pelo arqueólogo Guilherme Cardoso que registou o local). Recentemente a construção de estufas sobrepôs-se parcialmente à área de dispersão.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

ERICEIRA

DESIGNAÇÃO: Casal Cordeiro / Casal Cordeiro 3 / Casal Cordeiro 4 / Casal Cordeiro 5
N.º DE INVENTÁRIO: ERI.002/ ERI.292 / ERI.293 / ERI.132 / **CNS:** 12868 / 36798 / 36799 / 25788 (respetivamente)

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeção 2001 (Dias Diogo) Acompanhamento (Carlos Costa) / Escavações 2004–2005 (Ana Catarina Sousa, Elisa Sousa, Marta Miranda); Escavação 2006 (Ana Catarina Sousa, Elisa Sousa, Marta Miranda);

DESCRIÇÃO: Foram identificadas várias manchas de dispersão de materiais de cronologia romana numa propriedade denominada Casal Cordeiro, dando origem a várias entradas no Endovélico, nomeadamente Casal Cordeiro / Casal Cordeiro 3 / Casal Cordeiro 4 e Casal Cordeiro 5. Em virtude da identificação da primeira mancha de dispersão de material recolheram-se algumas cerâmicas, sendo estas alvo de estudo por parte de A. M. Dias Diogo e Carlos Costa. Tendo em conta as características do local, dispersão dos vestígios, tipo de materiais (tegulae, imbrex, fragmentos de lucerna tipo Dressel 9, de dolium e de ânfora piscícola Lusitana, pesos de tear, escória, *terra sigillata* hispânica e sudgálica, bem como um pequeno fragmento de mosaico bicromático com quatro tessellae) e cronologias, numa primeira abordagem os vestígios pareciam corresponder a um pequeno estabelecimento agropecuário romano polinucleado. Talvez um casal ou granja, com ocupação no Alto Império, datável a partir dos meados do século I. No entanto a presença das tesselas apresenta-se como algo distinto, podendo equacionar-se uma *villa*. Os vestígios identificados em Casal Cordeiro 5 corresponderiam a despejos ou a fenómenos erosivos, uma vez que estes foram identificados na linha de água a poente do habitat calcolítico. Durante a prospeção de 2004, tal como nas escavações 2004 e 2005 (500 m²), realizadas no âmbito do projeto da autoestrada A21, localizadas a Este dos vestígios anteriormente identificados, não se conseguiu identificar quaisquer materiais claramente integráveis em cronologia romana. No entanto, após a análise aos carvões de uma estrutura de combustão que cortava os depósitos da cabana Calcolítica (C.C. 5), estes forneceram uma datação compreendida entre os séculos I e II da nossa era. Refira-se que o plateau onde foram abertas as sondagens apresentava um enorme corte correspondente a um terraplano, levando deste modo à destruição de quaisquer vestígios que ali pudessem existir. Salientam-se ainda as informações obtidas perante populares de que o local sofreu grandes movimentações de terras entre a década de 40 e 50 do século XX. Estas alterações ocorreram aquando do nivelamento da plataforma Sul do núcleo habitacional, para exploração de pedra, elaboração de vários sistemas de regadio, abertura de caminhos, levadas e poços, bem como a respetiva preparação do terreno para agricultura mecanizada.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Diogo e Costa, 2002; Sousa, 2008

DESIGNAÇÃO: Moinho do Pitas / Moinho da Moeda

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.018 / **CNS:** 37742

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2018–2020 (Carlos Costa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Identificação uma pequena mancha de dispersão de cerâmica comum e de construção (imbrices e tijolos). Foram recolhidos dois numismas (um deles provavelmente da gens Caecilia e um As de Cláudio), um bico fundeiro de ânfora lusitana, dois pequenos fragmentos em *terra sigillata* sudgálica e itálica, num desaterro junto ao antigo caminho que ligava o centro da Ericeira à Capela da Senhora do Ó (antigo caminho de Ericeira para Sintra). O local tem um amplo controlo visual, nomeadamente para sul (serra de Sintra) e oeste (Oceano Atlântico).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Rua do Joinal

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.050 / **CNS:** 33509

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: Aquando da urbanização do local, foram recolhidas por um dos signatários (CC), nas terras provenientes da obra, vários fragmentos de cerâmica. Dos fragmentos recolhidos destacam-se fragmentos de *terra sigillata* sudgálica, um deles com a marca de oleiro Carantus (of Cara), *terra sigillata* africana A, pesos de tear e ânfora Lusitana 3. O estudo dos materiais indica um espectro cronológico datável entre os dois últimos decénios do século I e os dois primeiros do século II.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Diogo e Costa, 2000

DESIGNAÇÃO: Ânforas

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.136 / **CNS:** 22562

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: No decorrer de mergulhos amadores, vários indivíduos afirmaram ter avistado vasos cerâmicos semelhantes a ânforas. O processo N-1556 refere a presença de ânforas em meio aquático. Informação oral sobre presumível "embarcação romana com ânforas" avistada, também, em mergulho amador.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Desconhecido

BIBLIOGRAFIA: Bombico, 2011; Borges, 2018

DESIGNAÇÃO: Carrascal

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.287 / **CNS:** 39383

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2004 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Possível necrópole "lusitano-romana" de inumação e incineração. No local foram recolhidos ladrilhos/ tijolos, fragmentos de argamassa, bem como um pequeno fragmento de *terra sigillata*.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Gandra e Caetano, 1995

DESIGNAÇÃO: Porto da Ericeira (Praia dos Pescadores)

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.288 / **CNS:** 36191

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: No porto da Ericeira, localizado num pequeno regolfo sob a falésia atlântica, têm sido recolhidos fragmentos de cerâmica romana, por trabalhadores e entregues a um dos signatários (CC), nos quais se incluem ânforas e pratos de *terra sigillata*.

Os locais preferenciais dos achados localizam-se na extremidade norte do porto, a sul do atual varadouro, bem como na zona norte da Laje Grande (zona sul do porto).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: A.A.V.V., 2011

DESIGNAÇÃO: Alto da Belavista ou Boavista

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.289 / **CNS:** 39391

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: Num cabeço central à vila da Ericeira, denominado de Belavista ou Boavista foram recolhidos achados fortitos de materiais cerâmicos de cronologia romana, nomeadamente *terra sigillata*; ânforas e cerâmica comum. O local dos achados encontra-se profundamente urbanizado. Os materiais têm sido recolhidos na encosta norte (calçada do Rego), e na encosta oeste, mais precisamente junto do corte da E.N. 247. O local foi identificado por A. M. Dias Diogo.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Quinta do Rego

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.290 / **CNS:** 39392

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: No decorrer de uma surribo para plantio de vinha, em inícios da década de sessenta do século XX, foram identificadas três ou quatro sepulturas em "caixa" com lajes de calcário e alguns tijolos, tendo sido quebrados pelos jornaleiros pequenos

potes, bem como um prato de "loija vermelha". Juntamente com o prato foi recolhido um pequeno anel em ouro que ficou na posse do agricultor Henriques Paulo, tendo a família efetuado a doação ao Museu Municipal Professor Raúl de Almeida, no presente ano.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Casal da Camacha 2

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.294 / **CNS:** 39393

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: No decorrer da construção da escola E B 2/3 da Ericeira, os trabalhadores identificaram várias inumações dentro de "caixas de pedra e tijolo". Terá sido interpretado numa primeira instância como esqueletos retirados do cemitério da freguesia, no entanto a recolha de numismas romanos junto destes leva-nos a interpretar como sendo dessa cronologia. Deram entrada no Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra três numismas romanos oferta de um dos familiares dos trabalhadores (Sr. Gregório).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Alto da Camacha

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.291 / **CNS:** 39515

TRABALHOS REALIZADOS: Acompanhamento 2019–2020 (Carlos Costa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: No âmbito dos trabalhos de acompanhamento do Parque Intermodal da Ericeira, identificaram-se vestígios de cronologia romana. Estes centravam-se essencialmente em cerâmica de construção (imbrices), cerâmica comum (nomeadamente doliae) e um As de Agripa. Refira-se que a potência estratigráfica era exígua, o que poderá ter levado à destruição dos vestígios pela agricultura mecanizada ali praticada, bem como pela posterior plantação de eucaliptos.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: O Poço

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.295 / **CNS:** 39394

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: No decorrer da demolição e escavação do antigo restaurante "O Poço", foram recolhidos por populares alguns numismas desde o período romano à primeira metade república portuguesa (incluindo medievais islâmicos, cristãos e modernos). Do período romano destaca-se um numisma cunhado sob o domínio de *Gratianus*.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Alto de Vale Carneiro / Várzea da Pedra

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.296 / **CNS:** 39395

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Identificação de cerâmicas comuns e de construção (imbrices e tijolos), por um dos signatários (CC), num terreno murado em pedra seca, junto ao caminho que liga o centro da Ericeira à Ermida da Senhora do Ó (antigo caminho de Ericeira para Sintra).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra.

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Rua de Baixo

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.297 / **CNS:** 39397

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: No decorrer da abertura e reabertura de valas de saneamento nos anos 80 do século XX, foram recolhidos alguns numismas na Rua de Baixo. Alguns desses numismas deram entrada no Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira (destacando-se um cunhado sob o domínio de Constantino e um outro de *Constantius II*).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Rua do Rio Calvo

N.º DE INVENTÁRIO: ERI.298 / **CNS:** 39398

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2020 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Foram recolhidos fortuitamente alguns fragmentos cerâmicos de cronologia romana, por um dos signatários (CC), numa parga de terras proveniente de obras. Das recolhas efetuadas salienta-se cerâmica comum, um fragmento de prato de *terra sigillata* sudgálica, um fragmento de colo com arranque de asa de ânfora lusitana, fragmentos de uma possível urna, bem como uma possível pátera em bronze.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

IGREJA NOVA (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE CHELEIROS E IGREJA NOVA)

DESIGNAÇÃO: Casal do Rei

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.010 / **CNS:** 39399

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 1998–2004 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Sítio inventariado pelo achamento, entre as raízes de uma figueira, de um recipiente de vidro de cronologia romana (classificado por Élvio Melim de Sousa e Eurico de Sepúlveda).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Almeida e Sousa, 1996; Sousa e Sepúlveda, 1999

DESIGNAÇÃO: Mata Pequena

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.015 / **CNS:** 2084

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 1995 (Ana Catarina Sousa e Maria José Almeida) / Prospeções 2004 (Marta Miranda e Carla Matias)

DESCRIÇÃO: Recolhas efetuadas no local de um importante conjunto de materiais parecem indicar a presença de uma provável *villa* romana (cerâmica, elementos arquitetónicos, estatuária, numária). No entanto, os trabalhos de prospeção desenvolvidos pelo Gabinete de Arqueologia não permitiram a identificação da área de concentração de materiais.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Almeida e Sousa, 1996; Sousa, Élvio e Sepúlveda, 1998

DESIGNAÇÃO: Penedo do Lexim

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.017 / **CNS:** 664

TRABALHOS REALIZADOS: Escavação década de 70 do século XX (José Morais Arnaud) / Escavações 1998; 1999; 2000; 2002; 2003; 2004 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Sítio arqueológico com uma longa diacronia. A principal ocupação centra-se nos finais do 4.º e 3.º milénio (Neolítico final e Calcolítico).

Identificado desde o século XIX (Veiga, 1879 e recolhas de Carlos Ribeiro e Possidónio da Silva), foi alvo de escavações de emergência em 1971 sob direção de José Morais Arnaud, Vítor Oliveira Jorge e Vasco Salgado de Oliveira e em 1974 por José Arnaud. Entre 1998 e 2004, o gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra desenvolveu um projeto de investigação, com um total de 6 campanhas (Sousa, 2010).

A ocupação romana é pontual, estando documentada no topo do Penedo, no Locus 1, onde se detetou um derrube de imbrices associado à ocupação romana, com escassos materiais e no abrigo sob rocha, Locus 6, onde se detetaram vestígios de um depósito de cabeça de Capra Hircus (ainda em conexão), datado pelo radiocarbono de 130–160 d.C (Beta–310023). Foram ainda registadas recolhas avulsas durante os anos 70 por José Medeiros (Sousa, 2004) destacando-se um unguentário.

Dos materiais exumados no Penedo do Lexim destacaríamos do período sidérico uma ânfora de produção da península de Lisboa enquadrável na variante 1Ca de Sousa (2014); de uma fase mais avançada (romano-republicana), surgiu uma ânfora Mañá C2 e imitações de campaniense GBR 2b ou 17 (Adroher, 2014). Foram igualmente recuperados abundantes fragmentos de cerâmica comum imperial, sobretudo ollae e caccabi e um exemplar de cerâmica africana de cozinha.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Museu Nacional de Arqueologia / Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra /

BIBLIOGRAFIA: Veiga, 1879; Arnaud, 1977; Sousa, 2003; Sousa, 2006

DESIGNAÇÃO: Raimonda

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.018 / **CNS:** 4572

TRABALHOS REALIZADOS: Recolhas 1986? (Maria e Manuel Maia) / Prospeções 1998-2004 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda) / Monitorização Carta Arqueológica - Proj. Lisboa Romana 2020 (Marta Miranda, Carlos Pereira, Íris Dias e Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: São conhecidas neste local diversas recolhas de peças isoladas de cronologias distintas, destacando-se três projéteis (por Helena Cidade) de funda em chumbo, depositados por Maria e Manuel Maia no, então, Museu Regional de Sintra em 1986 (atual Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas). No terreno a norte dos Casais da Raimonda foram identificados materiais de construção e cerâmica comum, correspondentes a uma ocupação Baixo Imperial ou Tardo romana. Estácio da Veiga refere a recolha por parte de populares de numismas, tendo o autor na sua deslocação identificado vidros e cerâmica de cronologia romana (Veiga, 1879, p. 32, 33 e 45).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Museu Nacional de Arqueologia / Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas / Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Veiga, 1879; Guerra e Pimenta, 2013

DESIGNAÇÃO: Cabeço de Palheiros

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.024 / **CNS:** 21763

TRABALHOS REALIZADOS: Escavação 2004 (Ana Catarina Sousa, Elisa Sousa, Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Foi identificada uma ocupação de dimensões modestas, inserindo-se na categoria dos casais agrícolas, estando os contextos profundamente afetados. Ainda que não se tenham registado estruturas, permitiu a recolha de um considerável conjunto de cerâmica comum e de construção que permitiu concluir que o sítio terá sido ocupado durante o Baixo-Império (fases finais), eventualmente prolongando-se até um momento por definir no período Alto-Medieval. É provável que as construções tenham recorrido a materiais perecíveis, motivo que justificaria a invisibilidade no registo arqueológico. Apesar disso, a ocupação é relacionada com uma eventual exploração agrícola, ponderando-se uma hipotética construção de "tipo telheiro" associada a outro núcleo habitacional de maior entidade nas imediações.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Sousa, Madeira, e Sousa, 2004; Sousa, 2008;

DESIGNAÇÃO: Pinhal da Quinta do Mato Grande / Mata Grande

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.098 / **CNS:** 2036

TRABALHOS REALIZADOS: Acompanhamento 2005–2007 (Carlos Costa) / Escavação 2006 (Marta Miranda e Ana Catarina Sousa)

DESCRIÇÃO: Identificada e alvo de escavação no âmbito da A21, pensa tratar-se de uma pequena estrutura doméstica tipo telheiro encostado a uma bancada arenítica. Os materiais arqueológicos não eram muitos, destacando-se a presença de imbrices alguma cerâmica comum, bem como doliae. Ainda que, neste caso e apesar da recolha de materiais romanos, os vestígios pareçam remeter para uma ocupação mais recente.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Sousa, 2008 / Sousa e Miranda, 2018

DESIGNAÇÃO: Cabecinho da Capitôa

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.099 / **CNS:** 22983

TRABALHOS REALIZADOS: Acompanhamento 2005–2007 (Carlos Costa) / Escavação 2006 (Ana Catarina Sousa, Carlos Pereira, Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Identificado e alvo de escavação no âmbito da autoestrada A21, no Cabecinho da Capitôa, foram identificados derrubes de telha (imbricis) de diferentes tipos e níveis de blocos de pedra de dimensão pequena e média, que poderiam constituir derrubes de estruturas, associados a uma estrutura de combustão de base empedrada (lareira ou fogão). Infelizmente a cerâmica comum recolhida não permitiu conclusões cronológicas precisas, mas, apesar disso, sugere tratar-se de uma ocupação Baixo Imperial atingindo possivelmente a Antiguidade Tardia.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Sousa, 2008; Sousa, Madeira, Sousa, 2003

DESIGNAÇÃO: Moinho da Agueira

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.109 / **CNS:** 39400

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2020 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Segundo informações orais, no decorrer de uma surribe apareceram algumas telhas de canudo muito grossas, tendo sido, também, recolhidos dois numismas. No decorrer de uma visita realizada por um dos signatários (CC) foi possível identificar uma pequena mancha de dispersão de telhas de canudo espessas (imbrices), registada fotograficamente.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Ventureira

N.º DE INVENTÁRIO: IGN.110 / **CNS:** 39401

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2020 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: A equipa foi informada por um popular da recolha de dois numismas, num pequeno terreno de sementeira murado em alvenaria de pedra seca, localizado a norte do caminho da Ventureira junto dos homónimos moinhos. Foi verificada por um dos signatários (CC), uma mancha de dispersão de cerâmica com um bastante fragmentada, bem como cerâmica construção (tijolos e imbrices), destacando-se algumas telhas de canudo com decoração digitada, dados registados fotograficamente.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

MAFRA

DESIGNAÇÃO: Mafra – Vila Velha

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.016 / **CNS:** 6628

TRABALHOS REALIZADOS: N/A

DESCRIÇÃO: Estácio da Veiga terá recolhido fragmentos de vidro que classificou como sendo romanos, provenientes de uma “tulha”, possível urna cinerária. Foram assim identificadas três “tulhas” que continham “objetos de diferentes épocas, com primazia para a romana: *terra sigillata* de fina contextura” (Veiga, 1879, p. 38, 39 e 41). Populares referem igualmente a recolha de numismas romanos numa antiga horta junto da Ribeira da Borracheira.

Também Estácio da Veiga aventou a possibilidade da existência de um marco miliário nas imediações da Igreja de Santo André. Embora o pioneiro algarvio decline a sua datação como romana, outros investigadores (Ferreira, 1903), sugeriram essa possibilidade, considerando que os caracteres TORCV designariam Turres centum quinque (a Torres Vedras, 105 estádios = 19 km). Esta inscrição nunca foi localizada em trabalhos de arqueologia recente.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Museu Nacional de Arqueologia

BIBLIOGRAFIA: Veiga, 1879; Ferreira, 1903

DESIGNAÇÃO: Casal do Zambujal

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.182 / **CNS:** 29930

TRABALHOS REALIZADOS: Acompanhamento 2007–2008 (Carlos Costa e Sandra Leitão) / Sondagens 2007 (Ana Catarina Sousa, André Pereira, Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Foram identificadas duas pequenas manchas de dispersão de materiais de construção aquando do acompanhamento arqueológico da construção da CRIMA. No decorrer dos trabalhos de escavação foi identificada uma provável dependência agrícola (não residencial) de reduzidas dimensões e do qual apenas sobrou um derrube conservado numa depressão existente no afloramento rochoso. Refira-se ainda a recolha de um numisma romano, de uma mó manual e na identificação de uma mancha de telhas no decorrer de uma surriba para o plantio de limoeiros por parte de agricultores locais.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Sousa e Pereira, 2007; Sousa, 2008;

DESIGNAÇÃO: Forno 3 da Cova da Baleia

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.183D / **CNS:** 30897

TRABALHOS REALIZADOS: Acompanhamento 2007–2008 (Carlos Costa e Sandra Leitão) / Sondagens 2007 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Identificado no decorrer do acompanhamento arqueológico da CRIMA. Trata-se de um forno cuja base oferece uma planta subcircular, conservando a câmara de combustão, parte da grelha e das paredes da câmara de cozedura. A grelha apoia-se em pilares laterais, adossados à parede da câmara, construídos com tijolos. As paredes da estrutura são integralmente de argila refratária, abrindo-se para formar um corredor alongado que dava acesso à câmara de combustão (Sousa, 2008, p. 469). Esta estrutura integra o tipo Id de N. Cuomo di Caprio equivalente ao tipo II V 1 de P. Duhamel, tipo bastante frequente durante toda a época Romana. Quer a tipologia do forno, quer a classificação de algumas cerâmicas que lhe estavam associadas (*terra sigillata* sudgálica e ânforas produzidas no vale do Guadalquivir), permitiram considerar que terá funcionado em momento indeterminado do Alto-império.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Duhamel, 1974; Cuomo di Caprio, 2007; Sousa, 2008; Sousa et al, 2008

DESIGNAÇÃO: Quinta da Cerca 3

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.196 / **CNS:** 39419

TRABALHOS REALIZADOS: Escavação 2020 (Marta Miranda e Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: No decorrer do acompanhamento arqueológico da construção da continuidade da Rua do Castelo e respetiva ligação à Rua do Malvar, na denominada Vila Velha de Mafra identificou-se um forno da fase final da Idade do Ferro, assim como diversas estruturas murárias e respetivo derrube, de cronologia tardo-romana.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Quinta da Cerca 4

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.198 / **CNS:** 39420

TRABALHOS REALIZADOS: Escavação 2020 (Marta Miranda e Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Foram identificados alguns materiais romanos descontextualizados no interior de silos de cronologia medieval-islâmica. Dos materiais exumados destaca-se um fragmento de *terra sigillata* sudgálica 24/25, bem como um numisma (meio centenionalis de Constâncio II). No acompanhamento do desmantelamento de um muro de pedra seca foi identificado e recolhido um fuste de coluna.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Rua do Castelo

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.199 / **CNS:** 39432

FREGUESIA: Mafra

TRABALHOS REALIZADOS: Escavação 2020-2021 (Marta Miranda, Carlos Costa e Ricardo Russo)

DESCRIÇÃO: No decorrer da escavação dos silos medievais, localizados no lote de terreno do antigo edifício da Santa Casa da Misericórdia de Mafra, foram identificadas e recolhidas algumas cerâmicas romanas e tardo-romanas. Refira-se que o silo 42 forneceu igualmente um numisma de cronologia romana (Baixo-Império).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Casal da Tojeira

N.º DE INVENTÁRIO: MFR.203 / **CNS:** 39402

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Identificação de uma mancha de dispersão de cerâmica comum (incluindo *doliae*) e de construção na área envolvente dos cercados dos pequenos carnívoros.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

MILHARADO

DESIGNAÇÃO: Rólia

N.º DE INVENTÁRIO: MIL.003 / **CNS:** 1328

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2003–2004 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda) / Prospeções 2007 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Sítio referido por Eduardo de Vasconcellos Miranda (1943) dando notícia da existência de uma sepultura romana no sítio da Rólia, Milharado.

Contudo, em 1993, a classificação deste sítio foi alterada já que os materiais arqueológicos recolhidos e a sua dispersão apontam para a existência também de uma *villa* romana.

Visitas posteriores (2003 e 2004) confirmaram a existência de um sítio romano de "características rurais" ao qual tradicionalmente se associa a sepultura de caixa identificada nos anos 40 do século XX e referida por Eduardo de Vasconcellos Miranda. Este autor referia, à altura, a destruição da sepultura e a remoção dos dois esqueletos para o cemitério do Milharado. Esta informação foi confirmada pelo Gabinete de Arqueologia da C.M.M. que, por informação oral do coveiro do cemitério do Milharado, atestou que os mesmos foram depositados na vala comum.

Os materiais recolhidos concentram-se na vertente sul do monte onde está implantada a antena de telecomunicações móveis e o marco geodésico da Rólia.

Na prospeção de 2004 foi indispensável a informação disponibilizada por um habitante local, Sr. Manuel Avelar, habitante que conhecia a história da identificação da sepultura nos anos 40 do século XX, bem como a localização exata da mesma.

Depois de identificado o local procedeu-se a uma limpeza da vegetação tornando visível uma tampa de sepultura com 1,16 m de comprimento, 0,73 m de largura e 0,20 m de espessura e provavelmente um esteio de cabeceira.

O Sr. Manuel Avelar referiu ainda a existência de "telhas grossas" (*tegulae*) que poderão provir da *villa* romana próxima identificada desde 1995.

Foi identificada a sepultura, agora parcialmente destruída e não foram recolhidos

quaisquer materiais arqueológicos ou osteológicos nas imediações.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra (após 2003)

BIBLIOGRAFIA: Miranda, 1943; Almeida e Sousa, 1996;

DESIGNAÇÃO: Casal Catarino 2

N.º DE INVENTÁRIO: MIL.064 / **CNS:** 39403

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Marta Miranda, Ana Catarina Sousa e Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno de plantio, localizado a cerca de 100 metros a noroeste da entrada oeste da Vila de Canas, identificou-se uma pequena mancha de dispersão de material de construção integrável cronologicamente num período compreendido entre o Baixo-Império e a Antiguidade Tardia.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Rólia 2

N.º DE INVENTÁRIO: MIL.065 / **CNS:** 39513

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2021 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Identificação de uma pequena mancha de dispersão de cerâmica comum e de construção. O local apresenta taludes a este e oeste, provavelmente antrópicos e que apresentam, em certas áreas, mais de cinco metros de escarpamento. O local é cortado por um caminho agrícola, apresentando-se no corte do mesmo cerâmica de construção (imbrices).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Rólia 3

N.º DE INVENTÁRIO: MIL.066 / **CNS:** 39514

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2021 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Identificação de uma pequena mancha de dispersão de cerâmica comum e de construção no topo de um pequeno cabeço, sobre o rio Trancão (margem direita).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Casal dos Colchões/ Casal dos Mansos

N.º DE INVENTÁRIO: MIL.067 / **CNS:** 39512

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2021 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Identificação de uma pequena mancha de dispersão de cerâmica comum e de construção na encosta noroeste do Casal dos Colchões/ Casal dos Mansos.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

SANTO ESTEVÃO DAS GALÉS (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DE
SANTO ESTEVÃO DAS GALÉS E VENDA DO PINHEIRO)

DESIGNAÇÃO: Godinheira

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.005 / **CNS:** 39404

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2000 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Em vários terrenos, localizados a norte da povoação da Godinheira, verificou-se a existência de uma enorme mancha de dispersão de materiais cerâmicos, incluindo cerâmica comum, anfórica, *terra sigillata*, cerâmica campaniense, pesos de tear e um numisma em bronze.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Almeida e Sousa, 1996; Sousa e Sepúlveda, 1998

DESIGNAÇÃO: Marôssos

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.006 / **CNS:** 11360

TRABALHOS REALIZADOS: Sondagens 1998 (Ana Catarina Sousa) / Acompanhamento 1999 (Ana Catarina Sousa)

DESCRIÇÃO: Mancha de dispersão de cerâmica de construção e cerâmica comum. As sondagens realizadas no local não permitiram identificar quaisquer depósitos ou estruturas conservadas.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Cabecito da Portela

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.060 / **CNS:** 39409

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Pequena mancha de dispersão de materiais cerâmicos a sudoeste dos aviários, nomeadamente cerâmica comum e de construção (imbrices e tijolos), observada por um dos signatários (CC) e registada fotograficamente.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Funchal

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.061 / **CNS:** 39410

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: No sopé sul da serra do Funchal identificou-se uma pequena mancha de cerâmica comum (bastante rodada e incaracterística) e de construção, nomeadamente imbrices e tijolos. Informações orais por parte de um popular relatam o aparecimento de "uma moeda romana de bronze com o rosto de um imperador". Apesar de localizado o sítio, algum do material de construção pareceu-nos tardio em virtude de algumas das telhas de canudo apresentarem decorações onduladas a pente.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Santo Estevão das Galés (núcleo sul)

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.062 / **CNS:** 39412

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno a sul da povoação de Santo Estevão das Galés, verificou-se a existência de duas pequenas manchas de dispersão de cerâmica de construção romana e comum, assim como a presença de escória de ferro (registada fotograficamente por um dos signatários – CC).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Santo Estevão das Galés (núcleo norte)

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.063 / **CNS:** 39411

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno a norte da povoação de Santo Estevão das Galés verificou-se a existência de uma mancha de dispersão de materiais romanos com cerca de com cerca de 1 hectare. Essa mancha era essencialmente composta por cerâmica de construção e comum e foi observada e registada fotograficamente por um dos signatários (CC).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Perdigueiros

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.064 / **CNS:** 39413

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno localizado a sul da povoação de Santo Estevão das Galés, denominado de Perdigueiros, identificou-se uma mancha de dispersão de material cerâmico de cronologia romana. O material era composto por cerâmica comum, de construção e anfórico (ânfora lusitana), tendo sido observado e registado fotograficamente por um dos signatários (CC).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Casal Sequeiro

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.065 / **CNS:** 39414

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno a sudoeste da povoação de Casal Sequeiro, foi segundo populares, recolhida uma moeda romana. Nesse mesmo terreno era visível uma mancha de dispersão de material cerâmico composto por cerâmica comum e de construção (imbrices e tijolos), observada e registada fotograficamente por um dos signatários (CC).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Casal do Barro

N.º DE INVENTÁRIO: SEG.066 / **CNS:** 39415

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno situado na encosta sudoeste da Serra de Montemuro, identificou-se uma mancha de material cerâmico disperso ao longo dos vários socacos da serra. Estavam igualmente visíveis vestígios de extração de calcários. Relativamente aos materiais cerâmicos estes eram essencialmente, cerâmica comum e de construção (imbrices e tijolos), tendo sido observados e registados fotograficamente por um dos signatários (CC).

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: N/A

BIBLIOGRAFIA: Inédito

SANTO ISIDORO

DESIGNAÇÃO: Terra do Concelho

N.º DE INVENTÁRIO: STI.036 / **CNS:** 39416

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2000–2004 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda) / Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019–2020 (Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Identificação de uma grande mancha de dispersão de materiais de construção cerâmica comum e de mesa. Relevante é a elevada quantidade de *sigillatas* claras recolhidas no local. Destas, destacam-se clara A nas suas formas, Hayes 3B, 9, 14A, 27; clara C nas suas formas Hayes 45, 50; clara D, nas suas formas Hayes 58, 61A, 61B, 67 e 73A, e TSHT Drag. 37T. Destaca-se igualmente uma elevada presença de fragmentos inclassificáveis de fundos, decorados por impressão (estilo A (ii)–(iii) de Hayes: quadrados reticulados, palmetas, rosetas).

Deste local foram recolhidas sete moedas, destacando-se uma de *Claudius* II, uma de Constantino II e outra de *Constantius* II.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Materiais Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Ribeira d'Ilhas

N.º DE INVENTÁRIO: STI.064 / **CNS:** 17424

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2000 (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda)

DESCRIÇÃO: Aquando da limpeza da ribeira, foram recolhidos fragmentos de cerâmica de cronologia romana, nomeadamente de construção (*tegulae* e *imbrices*), comum e pintada. Na arriba norte é ainda visível uma estrutura murária cuja cronologia se centrará certamente entre o período romano e medieval. Junto desta estrutura identificou-se uma camada conquifera com *Patella sp.* de grandes dimensões, *Monodonta lineata* e *Thais haemastoma*.

Os materiais encontram-se dispersos entre as freguesias de Santo Isidoro e Ericeira.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

DESIGNAÇÃO: Passos Velhos

N.º DE INVENTÁRIO: STI.072 / **CNS:** 39417

TRABALHOS REALIZADOS: Monitorização Carta Arqueológica – Proj. Lisboa Romana 2019–2020 (Carlos Costa)

Descrição No decorrer de uma obra de construção civil, foram identificadas arcarias de possíveis fornos (em tijolo) e alguns muros de pedra e tijolo de “burro”. Alguns dos referidos trabalhadores recolheram ainda uma mó de pedra e algumas moedas.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

SOBRAL DA ABELHEIRA (ATUAL UNIÃO DE FREGUESIAS DA AZUEIRA
E SOBRAL DA ABELHEIRA)

DESIGNAÇÃO: Casal dos Mosqueiros

N.º DE INVENTÁRIO: SOA.032 / **CNS:** 39418

TRABALHOS REALIZADOS: Prospeções 2019 (Cátia Delicado e Carlos Costa)

DESCRIÇÃO: Num terreno agrícola nas proximidades do Casal dos Mosqueiros, identificou-se uma pequena área de dispersão com cerâmica de construção e comum de cronologia romana. O local encontra-se profundamente alterado por surribas de pomares.

LOCAL DE DEPÓSITO DO ESPÓLIO: Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra

BIBLIOGRAFIA: Inédito

LISTA DE OUTRAS OCORRÊNCIAS AINDA NÃO CONFIRMADAS POR TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS OU COM INFORMAÇÃO INSUFICIENTE

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Bandalhoeira	AZUEIRA	AZU.004	Recolhas de materiais romanos efetuadas por Estácio da Veiga. Local de depósito MNA (0392).	Estácio da Veiga, 1879
Quinta das Casas Novas		AZU.005	Em 1850, no decorrer de trabalhos agrícolas foram descobertas possíveis sepulturas contendo cinzas e unguentários. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995
Carvoeira	CARVOEIRA	CAR.002	Informação de recolha de materiais avulsos em 1965, aquando de obras no centro histórico, incluindo um numisma Claudiano. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995
Valbom		CAR.043	Félix Alves Pereira relata uma possível sepultura romana. Existem informações recentes da recolha de numismas em Valbom na zona das Botelhas. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Pereira, 1914 Carlos Costa, recolhas orais
Fonte do Brejo		CAR.044	Recolha avulsa de três numismas romanos relatado por um popular, referindo o mesmo que eram visíveis os imperadores e numa das moedas lia-se CONS. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Castelo de Cheleiros	CHELEIROS	CHL.001B / 23679	Do local com o topónimo de Castelo, Estácio da Veiga (1879, p. 82) reporta o achado de várias "tulhas" de cronologia romana, as quais nunca chegou a observar por haverem sido destruídas. Local de depósito MNA.(?)	Veiga, 1879; Almeida e Sousa, 1996
Carvalhal		CHL.002 / 1324	Para o sítio do Carvalhal as informações não são abundantes. Existe a notícia da descoberta de cerâmicas e numismas, assim como de sepulturas romanas escavadas em blocos de basalto, postas a descoberto aquando o alargamento da estrada para esse local. (Manique, p. 77). Os achados foram identificados no traçado da possível via que, vinda de Odrinhas, atravessava a ribeira de Cheleiros junto ao Carvalhal, continuando pelo Boco, Muchalforro e Almada, em direção a Mafra. Após várias visitas ao local surgiram referências orais do aparecimento de numismas e sepulturas romanas, sem que fosse possível constatar tal informação. Local de depósito MNA(?)	Manique, 1947; Almeida e Sousa, 1996.
Cheleiros		CHL.013	Referências de Estácio da Veiga (1879, p. 79) ao aparecimento de cerâmicas e tulhas romanas a poente da Igreja Matriz, destacando-se a deteção no interior de casas particulares. Local de depósito MNA(?)	Veiga, 1879 Almeida e Sousa, 1996;

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Casal da Ameixoeira	ENCARNAÇÃO	ENC.002 / 6581	Numa vinha localizada no Casal da Ameixoeira foram reportadas no decorrer de surribas, informações do aparecimento de tijolos e telhas "grossas". Estácio da Veiga revelou informações sobre a recolha de numismas romanos por parte de trabalhadores agrícolas (Veiga, 1879, p. 45). Local de depósito MNA(?)	Veiga, 1879; Almeida e Sousa, 1995
Casal Estrada 1		ENC.003 / 6207	Segundo informações de trabalhadores agrícolas, foram recolhidos numismas romanos nas proximidades do Casal, já referidos por Estácio da Veiga (Veiga, p. 45). Também aqui, foi recolhida uma estela epígrafa proveniente da encosta este de São Domingos. Local de depósito MNA(?)	Veiga, 1879; Almeida e Sousa, 1995
Casal da Serra		ENC.005	Foi identificada uma lápide sepulcral romana, conforme comunicação do Dr. Carlos Galvão, na sessão da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, a 4 Junho de 1950. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995
Encarnação 2		ENC.008	Segundo a informação de populares foram recolhidas duas moedas na escavação de sapatas de um edifício na povoação da Encarnação. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito. Carlos Costa, recolhas orais
Serra de São Mamede 3	ENXARA DO BISPO	ENX.057	Aquando da construção da autoestrada A8, na zona da curva no sopé norte da Serra de São Mamede foram identificadas telhas espessas tijolos de "burro" e algumas moedas. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Santa Marta	ERICEIRA	ERI.292	Na área designada como "Ponta de Santa Marta" existiu até finais da década de 80 do século XX, um baixo relevo de um busto feminino "dentro de uma furna", presumivelmente romano, o qual terá desaparecido aquando de uma forte tempestade, tendo esta, quebrado a pedra que suportava a gravura.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais
Rua das Bilhas		ERI.297	No decorrer de obras num terreno denominado de Bilhas (atual rua das Bilhas), a sul da rua das Lombas, trabalhadores da construção terão identificado ao que tudo indica "caixas de tijolo de burro" "cobertas com lajes de pedra. Refira-se ainda a que no desmantelamento das mesmas foram identificadas no seu interior "jarros e pratos partidos". Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais
Fórnea	GRADIL	GRD.031	Segundo informações de populares no decorrer do alargamento de caminhos na entrada sul da Fórnea identificaram-se "três urnas (vasos) com terras, cinzas e ossos". Foram ainda recolhidos numismas. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais.
Casal das Antas	IGREJA NOVA	IGN.007C	Referências do aparecimento de tijolos e telhas grossas no decorrer de uma surriba de terreno. Existem igualmente relatos da recolha de alguns numismas. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Casal Mateus		IGN.008	Estácio da Veiga (1879, p. 32) reporta a ocorrência de quatro "tulhas", nas quais afirma a recolha de vidros de cronologia romana. Terá ainda observado cerâmica, nomeadamente "belíssimos vasos e pratos de vidro com diversos lavores". Local de depósito MNA.	Veiga, 1879
Pipo		IGN.007D	Informação oral do aparecimento sob um muro de pedra seca, de um pequeno pote com moedas de prata possivelmente romanas. Os achados foram dispersos pelos trabalhadores agrícolas. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995; Carlos Costa, recolhas orais
Currais Velhos		IGN.012/ 4568	Estácio da Veiga (p. 33–38, 46–50), relata a existência de uma necrópole (séculos I e IV), situada entre um local conhecido pela população como Currais Velhos e o Lexim, colocando a hipótese deste topónimo significar isso mesmo — necrópole. Regista ainda a descoberta de sepulturas revestidas de lajes toscas, sem quaisquer vestígios de incineração e alguns artefactos numismáticos e de metal (duas moedas, um punhal, uma ponta de lança e várias contas de vidro). O local indicado é conhecido pela população como Curral Velho, localizando-se entre a povoação do Lexim e o Casal do Rei, num terreno ladeado por zambujeiros. O terreno não está cultivado, mas apresenta densa vegetação com cerca de 50 cm de altura, o que dificulta a prospeção. Numa das áreas do mesmo terreno grandes sulcos marcavam o solo, dando a ideia da existência de uma área oca por baixo. Local de depósito MNA(?).	Almeida e Sousa, 1996; Sousa e Sepúlveda, 1999

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Vale das Velhas		IGN.021	Estácio da Veiga (Veiga, 1879, p.47) descreve dois fustes de coluna no Vale das Velhas, próximo à povoação do Lexim, propondo que aí tenha existido uma ocupação romana. Local de depósito MNA(?).	Veiga, 1879
Quinta do Portancho	MALVEIRA	MVL.002	No decorrer de uma sementeira, "numa terra de lavradio denominada Portancho (Quinta), foram encontradas duas sepulturas romanas e uma moeda de bronze do imperador Arcádio". Local de depósito dos materiais desconhecido	Frazão, 1966
Carrilhas	MAFRA	MFR.004 / 4566	Estácio da Veiga mencionou que a necrópole das Carrilhas foi explorada pelos proprietários no ano de 1871 e que terão sido detetadas mais de 50 sepulturas de incineração e inumação (Veiga, 1879, p. 42, 43, 50). Infelizmente, os abundantes materiais recolhidos não foram acautelados e a localização desta necrópole tem sido difícil de determinar. Local de depósito MNA(?)	Veiga, 1879; Sousa, 2008
Cemitério		MFR.012	Camarate França identificou nas imediações do atual cemitério da Freguesia de Mafra cerâmica de construção (nomeadamente tijolos), tendo apresentado os resultados na reunião de 22 de setembro de 1945 da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, afirmando a cronologia romana para os achados. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Rua Serpa Pinto		MFR.016F/ 6628	Recolha de numisma por um popular e exibido a Estácio da Veiga (Veiga, p.41 e 51). Tratava-se de uma moeda de Agripina, talvez RIC I, 55. Local de depósito MNA(?)	Veiga, 1879
Praça da República		MFR.016G/ 6628	Recolha de numismas por populares tendo sido oferecido um do reinado de Graciano, a Estácio da Veiga (Veiga, p.41 e 51); porventura RIC IX, 43A ou imitação hispânica. Local de depósito MNA(?)	Veiga, 1879
Murgeira		MFR.021D	No decorrer de uma surriba para plantação de eucaliptos nos anos 90 do século XX, foram identificadas telhas de canudo espessas e tijolos. Foi recolhida ainda por um popular uma moeda. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais
Salgados		MFR.024/ 1322	Informação por um popular da identificação de um numisma de Alexandre Severo (talvez RIC IV-II, 238), na Quinta da Mougueta. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995
Milharado 1	MILHARADO	MIL.053	Recolha e identificação de achados romanos na envolvente da povoação do Milharado. Local de depósito dos materiais Museu Hipólito Cabaço (Alenquer).	Gomes e Batista, 1991
Casais de Monte Bom	SANTO ISIDORO	STI.002	Descoberta por populares de ânforas enterradas. Uma das ânforas foi adquirida por Félix Alves Pereira (Pereira 1914, p.356). A mesma encontrava-se truncada na zona do bocal, uma vez que terá sido cortado para servir de coelheira. Local de depósito MNA(?)	Pereira, 1914; Gandra e Caetano, 1995

DESIGNAÇÃO	FREGUESIA	N.º INVENTÁRIO/ /CNS	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Marvão		STI.003	Identificação de silos e informações orais relativas ao achado de alguns numismas por populares no núcleo antigo de Marvão. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995; Carlos Costa, recolhas orais
Paço d' Ilhas		STI.005	Referências ao achado de numismas romanos na envolvente de Paço d' Ilhas (Veiga, 1879, p. 44). Local de depósito MNA(?)	Veiga, 1879; Almeida e Sousa, 1996
Santo Isidoro		STI.008B	Existem referências ao achado de numismas em Santo Isidoro (três moedas romanas: de Augusto, de Cláudio e de Maximiano), cuja origem exata se desconhece. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Gandra e Caetano, 1995
Quinta do Tojal		STI.070	No decorrer de uma surriba de uma vinha, trabalhadores agrícolas identificaram pelo menos duas sepulturas em caixa retangular, cujas paredes eram construídas com tijolos sendo a sua cobertura composta por lajes. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais
Casal de Ribeira D'Ilhas		STI.071	Na área da ETAR de Ribeira d'Ilhas, existem referências orais à descoberta de moedas, cerâmicas e possíveis estruturas de cronologia romana. Populares referem ainda a existência de uma mina com veios ferrosos, escavada nos arenitos, que foi entretanto coberta, aquando da construção da estrada de Ribeira d'Ilhas para Santo Isidoro. Local de depósito dos materiais desconhecido.	Inédito Carlos Costa, recolhas orais

NOTAS

¹ Sobre o debate da existência de um porto neste local videm Borges, 2018, p. 224–228.

² Identificados e estudados por A. M. Dias Diogo.

BIBLIOGRAFIA

A.A.V.V. – *EIA Porto de Pesca da Ericeira/ Obras complementares do Porto da Ericeira*, IPTM, PROCESL, W.W. Consultores de Hidráulica e Obras Marítimas S.A., 2011.

ADROHER AUROUX, A. – “Cerâmica Gris Bruñida Republicana (GBR): el problema de las imitaciones en ceramología arqueológica”. In Morais, R.; Fernández Fernández, A.; M. Sousa, M., eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania* (Monografias Ex Officina Hispana; II:II). Porto: Universidade do Porto / Ex Officina Hispana, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), 2014. p. 281–290.

ALARCÃO, J. de – A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. XXXVII. (1998); p. 89–119.

ALMEIDA, M. J. e SOUSA, A. C. – O Povoamento rural romano no Concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 95. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (1996); p. 205–214.

ARNAUD, J. E. M. – Escavações no Penedo do Lexim (Mafra) 1975. Notícia preliminar. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª Série, 79. (1977); p. 398–406.

BATATA, C. – *Relatório final da escavação arqueológica realizada junto a Senhora do Ó, Carvoeira, Mafra*, 2012. [Relatório policopiado].

BYRNE, I. – A rede viária da Zona Oeste do Município Olisiponense (Mafra e Sintra). Separata de *Al-Madan*, II, 2. (1993); p. 41–47.

BOMBICO, S. – *Para uma valorização dos itinerários comerciais romanos do Alto-Império no Atlântico – O papel do Património Cultural subaquático*. Évora: Universidade de Évora, 2011. Tese de Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural.

BORGES, M. – “Portos e ancoradouros do litoral de Sintra-Cascais. Da Antiguidade à Idade Moderna (I)”. In Atas das Jornadas do Mar 2014. *Mar: uma onda de Progresso*. Almada: [S. n.], 2015. p. 152–164.

BORGES, M. – “Navegação comercial flúvio-marítima e povoamento no Ocidente do *Municipium* Olisiponense: em torno dos rios Lizandro (Mafra) e Colares (Sintra)”. In C. Soares, J. Brandão e P. Carvalho (coord.), *História Antiga: Relações Interdisciplinares Paisagens Urbanas, Rurais e Sociais*. Coimbra: [S. n.], 2018. p. 219–255.

BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÉS, P. P. – *Roman Provincial Coinage I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC–AD 69)*. London: The British Museum Press, 1992.

CARDOSO, G. e ENCARNÇÃO, J. d’ – Economia agrícola da região de Olisipo. J.–G. Gorges e F. G. Rodríguez Martín (eds.), *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Velázquez, 1999. p. 391–393.

CARVALHO, A. M. e ALMEIDA, F. J. – Aspectos económicos da Ocupação Romana na Foz do Tejo. G. Filipe e J. Raposo (coord.), *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: D. Quixote, 1996. p. 137–156.

CUOMO DI CAPRIO, N. – *Cerâmica in Archeologia 2: antiche tecniche di lavorazione e moderni metodi di invagine*, Roma, 2007.

DIAS, I. – *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017. Dissertação de mestrado.

DIAS, I. – A Ocupação do Bronze Final na Serra do Socorro. A Coleção de Gustavo Marques. *Ophiussa. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*. 2 (2018); p. 59–74.

DIAS, M. (1983). Árula Votiva da Ericeira (*Conventus Scalabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: 16.

DIOGO, A. M. D. e COSTA, C. H. – Notícia de um conjunto de cerâmicas romanas encontradas nos arredores da vila da Ericeira – Concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 99. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2002); p. 207–215.

DIOGO, A. M. D. e COSTA, C. H. – Notícia do achado da estação romana do Casal Cordeiro, nos arredores da vila da Ericeira (concelho de Mafra). *Boletim Cultural* 2001. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2002); p. 333–338.

DIOGO, A. M. D. e COSTA, C. H. – Materiais arqueológicos provenientes da Lapa da Serra. *Boletim Cultural* 2004. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2005); p. 412–420.

DUHAMEL, P. – Les fours de Poitiers. *Les Dossiers L’Archéologie*. Paris. N.º 6 (1974); p. 54–66.

HAYES, J. – *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome, 1972.

HÜBNER, E. – *Inscriptiones Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum, II)*. Berlin: de Gruyter, 1869.

FRANCO, A. – Santa Marta no passado. *Boletim da Comissão de Arte e Arqueologia*. Mafra: 10. (1954).

FERREIRA, S. – Lápides e inscrições. *O Correio de Mafra*. Mafra. N. 232 – 233 (16 jul. 1903; 23 jul. 1903).

FREIRE, J.; LACERDA, M.; GONÇALVES, J. A.; CARDOSO, J. P.; FIALHO, A. – A navegação romana no litoral de Cascais. Uma leitura a partir dos novos achados ao Largo da Guia. *Al-Madan Online*, 19, Tomo I (2014); p. 36–43.

FREIRE, J. P. e PASSOS, C. – *Mafra. Notícia histórico-arqueológica e artística da vila e do paço conventual*. Porto: Litografia Nacional–Edições, 1933.

GANDRA, Manuel J. – Tumulária romana e Paleocristã. In *Da Vida, da Morte e do Além*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 1996. p. 98–99, 100.

GANDRA, Manuel J. – A freguesia da Carvoeira (Mafra) de Iés a Iés. Rio de Janeiro, 2014.

GANDRA, Manuel J. e CAETANO, A. – Subsídios para a carta arqueológica do Concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 94. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 1995. p. 243–306.

GIL, M. J. da S. H. – *Gentes e coisas da Encarnação: achegas para uma monografia*. Câmara Municipal de Mafra e Junta de Freguesia de Encarnação, 2003. p. 81.

GOMES, J. J. F. e BATISTA, J. – “Sítios arqueológicos representados no Museu Municipal de Hipólito Cabaço (Alenquer)”. In *Atas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1991. p. 367–379.

- GONÇALVES, A. – *A Necrópole Romana do Casal do Rebofo (Almargem do Bispo, Sintra)*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011. Dissertação de Mestrado.
- GUERRA, A. – “Algumas notas sobre o mundo rural do território olisiponense e as suas gentes”. In A. R. dos Santos; N. S. Rodrigues; T. K. Resende e A. Guerra (coord.) – *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Colibri, 2003, p. 123–150.
- GUERRA, A. e PIMENTA, J. – “Os projéteis de funda do Monte dos Castelinhos e a dispersão destes materiais no território português”. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. 2013. p. 47–58.
- HÜBNER, E. – *Corpus Inscriptionum Latinorum II* Berlim. N.º 267 e 302 (1869).
- HÜBNER, E. – *Corpus Inscriptionum Latinorum II. Supplementum* Berlim. N.º 5222, 5223, 5224 (1869).
- LOPES, F. M. P. – Quadros sinópticos e mapas relativos aos subsídios para a carta arqueológica do Concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 95. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (1996); p. 228–257.
- MANIQUE, L. P. – O castelo de Mafra. *Estremadura. Boletim da Junta da Província*. II, XIV (1947); p. 73–83.
- MANTAS, V. – “As cidades marítimas da Lusitânia”. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: hiérarchies et territoires*. Paris: CNRS, 1990, p. 149–205.
- MANTAS, V. G. – Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética. *Hvmanitas*. L (1998); p. 199–239.
- MANTAS, V. G. – “Vias e portos na Lusitânia romana”. In J. Gorges, E. Cerrillo y T. N. Basarrate (ed.), *V Mesa Redonda Internacional Sobre a Lusitania Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras. 7, 8, y 9 de noviembre de 2002. Madrid, 2004. p. 427–453.
- MATIAS, C. – Serra do Socorro: uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. *Boletim Cultural* 2003. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2004); p. 308–358.
- MATIAS, C. (2005) – Epigrafia romana de Mafra. *Boletim Cultural* 2004. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2005); p. 73–131.
- MATIAS, C. – “Epigrafia romana de Mafra (in memoriam)”. In A. Caessa e R. Campos (coords.), *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, 2019. p. 144–168.
- MATTINGLY, H. – *The Roman Imperial Coinage*, IX. *Valentinian I – Theodosius I*. London: Spink & son, 1968.
- PEREIRA, A., DIAS, J., e LARANJEIRA, M. – “Evolução holocénica da linha de costa na baía de Lagos”. In *Contribuições para a Geomorfologia e Dinâmica Litorais em Portugal*. Lisboa. 1994. p. 75–90.
- PEREIRA, G. – *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*. Lisboa: A. M. Teixeira & Ca. 1910.
- PEREIRA, F. A. P. – Por Caminhos da Ericeira. *O Archeólogo Português*. Vol. 19, I série (1914); p. 324–362.
- PEREIRA, G. – *A Villa da Ericeira*. Typographia Dia, Lisboa, 1903.
- PINTO, I. – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusitana, 2003.
- RIBEIRO, J. C. – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus. *Sintria*, III, I (1982–83); p. 151–476.
- RIBEIRO, J. C. – Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do Município Olisiponense. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Série II, n.º 89, tomo 1.º (1983); p. 346.
- RIBEIRO, N. – Estudos arqueológicos do Parque Eólico da Serra de São Mamede (Mafra). *Boletim Cultural* 2005. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2006); p. 492–505.
- SAA, M. de – *As grandes vias da Lusitania. O itinerário de Antonino Pio*, III. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória, 1960.
- SAA, M. de – *As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio*, VI. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória, 1967.
- SILVA, J. D’O. L. – *Anais da Vila da Ericeira*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 1985.
- SOUSA, A. C. – “Natureza e transformação: o Penedo do Lexim e outros casos do Calcolítico estremenho”. In *Recintos Murados da Pré-História Recente*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.
- SOUSA, A. C. – O povoado pré-histórico do Penedo do Lexim: Percursos de investigação de uma exposição monográfica. *Boletim Cultural* 2005. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2006); p. 395–505.
- SOUSA, A. C. (2007) – Novas incorporações de velhas recolhas. Fragmentos reencontrados da (Pré) História do Penedo do Lexim. *Boletim Cultural* 2006. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2007); p. 287–333.
- SOUSA, A. C. – Arqueologia na A21. Uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004–2007. *Boletim Cultural* 2007. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2008); p. 411–497.
- SOUSA, A. C., MIRANDA, M. – Do adro da igreja à Junta de Freguesia de Cheleiros. História de uma intervenção arqueológica de emergência. *Boletim Cultural* 2001. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2002); p. 283–332.
- SOUSA, A. C.; DIAS, I. D.; SOUSA, E.; M., M. – A ocupação do Bronze final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras): Os Trabalhos Arqueológicos de 2007 e 2008. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 25. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. (2019); p. 339–364.
- SOUSA, A. C., MADEIRA, A. P.; SOUSA, E. – O sítio Tardo-Romano / Alto Medieval de Cabeço dos Palheiros (Igreja Nova, Mafra). Notícia da intervenção arqueológica de emergência. *Boletim Cultural* 2003. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2004); p. 221–267.
- SOUSA, A. C., MIRANDA, M.; VIEIRA, T.; MARTINS, C. – O Forno 3 da Cova da Baleia (Mafra). Relatório final, 2008. Texto policopiado.
- SOUSA, A. C.; PEREIRA, A. – Casal do Zambujal (Mafra). Relatório, 2007. Texto policopiado.
- SOUSA, A. C.; SOUSA, E.; PEREIRA, C. – Casal Cordeiro – 2005. Relatório final, 2005. Texto policopiado.

- SOUSA, E. M., SEPÚLVEDA, E. – Artefactos romanos de seis estações arqueológicas do Concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 98. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (1999); p. 35-68.
- SUTHERLAND, C. H. V. – *The Roman Imperial Coinage I: From 31BC to AD 69*. London: Spink and Son Ltd, 1984.
- TORRES, M. A. – *Descrição histórica e económica da villa e termo de Torres-Vedras: parte histórica*. 2.^a ed, acrescentada com algumas notas dos editores. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1861.
- TRINDADE, J., PEREIRA, A. R. E METROGOS, R. – "Aquisição de dados sobre a dinâmica de praias em diversas escalas temporais. Exemplos no litoral da Estremadura". In *Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos – Geomorfologia*. Vol. III. Ciência e Sociedade. Coimbra, 2002. p.85-91.
- Valdez, J. J. A. – *Algumas notícias para a descrição histórica dos logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira do Concelho de Mafra*. Lisboa: Typographia do Jornal – Dia, 1897.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1927) – *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal (Norte, Centro e Sul)*. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1927.
- VASCONCELLOS, J. L. de – *Acquisições do Museu Etnológico (Belem) – Epigraphia Romana. O Arqueólogo Português*. Vol. XX. Lisboa (1927-29).
- VEIGA, E. da – *Antiguidades de Mafra*. Mafra: Mar de Letras, 1879.
- VIEIRA, C. J. (1998). *Capitéis de ara do Municipium Olisiponense*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998.
-